

SINTO
MUITO,
MEU
AMOR

um romance de

ALICE
RAPOSO



SINTO
MUITO,
MEU
AMOR

um romance de

ALICE
RAPOSO

Copyright© Alice Raposo

Capa e ilustração: Mirella Santana

site:<http://www.mirellasantana.com.br>

Modelo:©Aleshyn—Andrei/Shutterstock

Leitura Crítica: Margareth Brusarosco

Projeto Gráfico e Revisão: Editora Raredes

@raredes.editora

Revisão: Betti Pellizzer

Diagramação do e-book: Victor Sartorelli

Raposo, Alice Neta Alves da Costa.

Sinto Muito, Meu Amor! / Alice Neta Alves da Costa

Raposo, Teresina-PI: 2019.

Amazon Ebook

Todos os direitos reservados. De acordo com a lei nº 9.610, de 19/02/1998.

Aos que amam verdadeiramente.

As muitas águas não podem apagar este amor...

Cânticos 8:7

Sumário

Sumário

Sinto muito, meu amor!

João

Passarinho na Gaiola

João

Enfim, a liberdade

Heitor (Dono da Construtora)

O Porquê das Coisas

João

Uma Sintonia de Pensamentos

Um casal feliz.

Victória (Bisneta de Alcântara Victória e esposa de Heitor)

O carma do Zé Pretinho. Não mate meus sonhos, mamãe.

Carlinhos (Primo de Heitor)

Eu e o Ladrão de Pão

Tancinha (Esposa de Carlinhos)

Eu e o Ladrão de sonhos

Mariazinha (Ex-mulher de João)

Quando João desabou meu mundo.

Mariazinha

Uma amiga para mim

Tancinha

Amizade é um bem raro

João

O Canto do Sabiá

Heitor

Eu e Carlinhos: Amizade

Heitor

O plano para reconquistar Tancinha

João

A viagem para Orlando do Sul

Victória e Paulina da Paz, a médica

Mariazinha

Amigas

Tancinha

Missão do amor

João

Passarinho no ar

João

O nascer de um novo dia

Heitor

João

Festa na Fazenda

Sinto muito, meu amor!

Meus erros não definem quem sou. Até as noites mais escuras escondem bons sonhos.

A vida é um dom supremo. Sábios são os que conseguem não só existir, mas aproveitá-la em sua essência. Ah, o amor! Se existissem as sete maravilhas da vida, o amor, em sua essência, estaria no topo da lista.

O tempo se vai e, com ele, vai também tudo o que semeamos na terra. O que permanece eterno é a forma como você se portou frente à vida em relação ao amor, este dom supremo que Deus nos deu e que se encontra fora de moda. Contudo, o que importa, efetivamente é se amou quem esteve ao seu lado, se amou o trabalho que exerceu, se amou o simples observar no que está se tornando, o que se é. Se amou a vida que levou.

Eu tinha tudo que um homem poderia querer: uma esposa companheira e amorosa, filhas que me amavam e me tinham como a um herói, um trabalho que me possibilitava viver e sonhar. Mas eu, como muitos homens, não me dei por satisfeito. Feri quem mais amava. Destroçado, deixei seus corações e, hoje, eu vivo como passarinho na gaiola, esperando quem abra, para mim, as portas da liberdade. Uma mão para ajudar. Para abrir a gaiola e eu poder voar, mas, para ser sincero, acredito que nem mereça.

Esta é uma carta para ninguém. Você, leitor, pode lê-la, jogá-la ao vento, ou colocá-la em uma garrafa e atirá-la ao mar. Confesso que tenho vergonha do que fiz. Se você nunca fez algo de que se arrependeu muito, nem leia as páginas que se seguem. Não quero ser julgado e condenado por mais uma pessoa. No entanto, se você cometeu pequenos erros e se arrependeu — porque eu espero, sinceramente, que seus erros sejam menores que os meus —, leia minha história e, quem sabe, me ajude a receber o perdão da minha amada. Uma onda de pensamentos positivos, com todos pedindo pelo meu perdão, talvez amoleça o coração de Mariazinha.

Na verdade, eu não tenho como enviar-te estes meus sinceros escritos, expressões apenas do meu sentir, mas se eu pudesse te pedir perdão, meu amor, eu pediria de joelhos e prostrado ao chão, mas um reles “sinto muito” eu posso dar. Tu fechaste a porta e jogaste a chave fora.

Vou pedir a um pombo-correio que te leve meu pesar, porque eu, passarinho preso na gaiola, não posso voar; vou pedir para que ele cante meu

sofrimento e, quem sabe assim, possas me dar um olhar ou qualquer gesto que me faça pensar que talvez, um dia, tu vais me dar o perdão, mas fico desolado em pensar que nem mesmo eu ousa me perdoar.

Do seu eterno Pássaro Apaixonado, João.

Para minha Bela Morena, Mariazinha.

João

Passarinho na Gaiola

Era uma manhã de sol, eu creio que sim, porque a parede estava quente apesar de ter chovido a noite toda. Dava para ouvir o canto dos passarinhos, e até o cantar de um galo ao longe. Todos entoavam canções de liberdade que só as almas livres têm o prazer de cantar. O nosso estabelecimento ficava próximo de algumas fazendas na região dos Belos Montes. Sempre pensei, “Que maluquice nos colocar perto de um local tão familiar!”. Às vezes, sentíamos, ao longe, um cheirinho de churrasco, mas era somente isso. Augusto gritou:

— O sol nasceu quadrado mais uma vez! Quanto, meu Deus, ainda vou ficar aqui?

A vida ali não era fácil, tinha hora para tudo. Nós é que tínhamos que nos adaptar. Eu já estava, havia alguns anos, preso por um crime que eu não deveria ter cometido. A cela era fria, tal qual os dias passados ali. Ficávamos eu, Augusto e mais três homens no mesmo ambiente. Havia cinco colchões e uma rede. Eu estava deitado nela, com uma blusa marrom e um short preto já surrado de tão velho. Estávamos aguardando abrirem a cela para o nosso de banho de sol. Meu pé descalço tocava a parede da cela, e eu estava ali, num balançar lento, enquanto os outros estavam nos colchões, ainda dormindo. Somente Augusto estava acordado, encostado na grade com o rosto tão colado, que parecia que queria passar pelo vão entre as barras:

— Augusto, faltam quantos dias para você sair?

— Mano, saio amanhã. — Augusto fez o sinal da cruz: levou a mão direita à testa, colocou acima do estômago e depois cruzou, tocando os ombros.

— Então, por que esse desespero?

— João, João..., não me diga que você não queria encurtar os dias, sair comigo amanhã?

— Esses seis anos aqui parecem uma eternidade. Queria era já ter saído, mas me preocupo com o mundo lá fora. Tenho medo de não conseguir sobreviver, voltar a fazer coisas erradas e cair aqui dentro novamente. Simplesmente não me vejo mais como uma pessoa boa para viver em

sociedade. Somos criminosos.

— Mano, você não pode pensar assim. Tem que ter força de vontade. Quando sair, vou logo procurar um emprego. Arrumo até pra você. Eu me dou bem em qualquer lugar. Não tenho medo de enfrentar nada nessa vida.

— Mas será que vou conseguir voltar a andar na linha? A vida aqui é tão difícil. No entanto, você se deu muito bem aqui.

— Era a situação. Acontece de fazermos um deslize aqui outro ali para sobreviver. João, você não pode ficar se desmerecendo assim. Para ser bem sincero, de todos aqui, eu acredito que você seja o único que está no lugar errado.

Os outros já haviam acordado e estavam se preparando para o banho sol. Ante a afirmação de Augusto, dois olharam e fizeram gesto de reprovação; o outro falou que bandido é bandido e todos são iguais. Concordei com eles e disse:

— Estou no lugar errado? Eu cometi um crime como todos aqui. — Apontei para todos. — Eu não sou nenhum inocente.

Augusto apontou para todos também e fez um sinal de negativo com o polegar. Passou a palma da mão direita na testa, começando pelos dedos, fez uma expressão negativa indicando que todos estávamos errados e olhou para mim.

— Mano, entenda. Dá para ver, na sua essência, que é uma pessoa boa. Seu crime foi um vacilo seu. O que vejo, é que você se joga muito pra baixo. Eu, que cometi mais crimes que você, não fico aí jururu, nem me remoendo. É vida que segue.

Eu senti uma angústia no peito. Sentei-me na rede, levei as mãos à cabeça e respirei fundo. Levantei-me, fui até a porta da cela e disse:

— Como você quer que eu fique de bem? Cometi um vacilo, vim parar aqui nessa prisão... Perdi minha mulher e filhas.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Eu virei meu rosto, observando fora da cela para que ninguém visse um marmanjo como eu chorando.

— Eu acredito que você vai conseguir descobrir onde sua esposa se escondeu. Você vai conseguir vencer lá fora.

— Você sempre fala o que quero ouvir. Mariazinha foi embora e, por mais que doa meu coração, eu não irei procurá-la. Se for para ficarmos juntos, algo vai acontecer. Não dizem que o que é para ser nosso ninguém tira? —

Parei por um momento, recordei de minha linda morena. Lembrei dos seus lindos olhos e de como ela olhava para mim com o ar apaixonado que me fazia sentir o homem mais importante do mundo. Fiquei um momento em silêncio e continuei. — Aliás, nem sei se ela já reconstruiu a vida, se encontrou um novo amor. Nos separamos, ela tinha apenas vinte e dois anos. Nova e bonita. Eu não suportaria saber que tem outro homem se deitando com minha mulher e criando minhas filhas. É o preço que se paga por cometer crimes... Eu não as mereço mais.

— Mano, você é muito pessimista.

— Você fala isso porque sua família não te abandonou.

— Isso é verdade, mas eu tive que prometer não me envolver mais com drogas, nem vender nem usar. Os pais dela é que estão sustentando a minha casa. Mas se eles não me quisessem mais, eu arrumaria uma outra mulher e faria novos filhos.

— Como você pode pensar assim, Augusto? — Às vezes, me assustava, o total desprendimento do Augusto.

— É a vida, temos que aprender a vivê-la.

Augusto era um bom amigo, estava sempre disposto a me ouvir. Às vezes, eu percebia que ele falava palavras para me agradar. No entanto, ele tinha alguns pensamentos que me entristeciam, parecia que não se importava verdadeiramente com a dor do outro. Continuei a divagar sobre a minha saída:

— Drogas, eu não quero mais precisar delas para nada. Nem para viajar deste mundo e me desligar, muito menos para sobreviver delas. O meu receio é que, lá fora, não sei como vai ser. Se vou conseguir um emprego decente. Porque, se a gente cometer um deslize lá fora... Já sabe, né! Cana novamente.

— Mano, minha esposa me falou de um dono de uma construtora que aceita ex-presidiários para trabalhar. Vou tentar ir lá e ver se consigo algo.

— Mas é tudo tão difícil. Meu sonho era recomeçar, mas eu não acredito muito que isso pudesse acontecer.

— João, eu não quero voltar. Você quer?

— Tenho medo. Muito medo do que me espera lá fora. Foram muitos anos aqui dentro. Aprendi o que quis e o que não quis.

— Na vida, irmão, a gente vive para aprender.

Nossa cela foi aberta. Saímos todos em direção ao pátio para tomar

nosso banho de sol. Enquanto eu caminhava, minha chinela soltou o cabresto, tive que parar, pegá-lo e colocá-lo de volta. Enquanto isso, eu observava a quantidade de homens à margem da sociedade que ia na mesma direção. Alguns, esperando a oportunidade de sair para cometer mais crimes; outros, como eu, torcendo para que alguém os olhasse e conduzisse para uma vida digna.

Pegamos nosso banho de sol e fizemos tudo de costume. Augusto passou o dia falando sobre sua saída e dizendo a todos que a família, no dia seguinte, esperaria por ele. E foi o que aconteceu. No horário da saída, eles estavam lá. Eu permaneci preso e passei por alguns perrengues.

Nunca imaginei que surgiriam tantas propostas para mim. De trabalho, mas trabalho criminoso. Acredite! Dentro da prisão, eles me ofereceram trabalho lá fora. Falei que pensaria. Não quis discordar deles, pois ainda não tinha saído daquele lugar. Eu queria sobreviver no mundo, mas não queria voltar. Ficar preso em gaiola? Não mais.

Em gaiola, eu gosto de dizer, porque sempre tive o sonho de ser cantor, tocar minha viola pelo mundo. No entanto, acabei sendo preso e nunca pude colocar isso em prática. Pela analogia, peço desculpas aos passarinhos. Não me chame de louco, mas eu cometi um crime; o passarinho, não.

João

Enfim, a liberdade

O sonho de liberdade chegou. A grande espera se materializou, e eu pude me sentir um homem livre. Passarinho fora da gaiola. Era uma sexta-feira iluminada. Lembro que muitas das coisas boas que aconteceram comigo foram em sextas-feiras: o meu casamento foi numa sexta, o dia que conheci Mariazinha e nosso primeiro beijo também. Não que eu seja um homem supersticioso, mas alguns acontecimentos bons aconteceram nesse dia, e eu gosto muito dele. O sol estava radiante no céu. As gaivotas voavam, as andorinhas cantavam, e o beija-flor esperto beijava alguma flor despercebida que radiante ficou ao ser beijada. O que sei é que era um dia de festa, e a natureza estava a festejar comigo.

Diante de toda essa grandeza da fauna e flora, eu não tinha nenhum laço de sangue me aguardando. Para minha surpresa, quem estava lá me aguardando era o Augusto. Família? Como já falei, viraram as costas quando fui preso. Mariazinha, depois do ocorrido e da minha prisão, não quis mais saber de mim, mudou-se não sei para onde e levou minhas duas filhas. Ela me disse que não iria deixar as filhas serem criadas na mesma cidade em que o pai estava preso. Era mau exemplo e, para ser honesto, concordo com ela. Sou um decadente. Tinha tudo que precisava para ser feliz, e perdi pela minha ganância. Na verdade, também não ia querer ver minhas filhas sendo abordadas nas ruas e terem que explicar que o pai estava preso. Em outra cidade elas poderiam dizer que fui embora ou, até mesmo, que morri. Porque, de certa forma, morri e morro todos os dias com a ausência delas em minha vida.

Augusto tratou logo de me levar para a construtora em que ele tinha conseguido trabalho. Achei maravilhoso. Confesso que sempre pensei que voltaria para prisão. Acreditava que meu anterior patrão não me aceitaria de volta; que não arranjaría emprego; que logo cairia no mundo do crime e voltaria para lá. Eu não tinha confiança em mim. Antes, era um homem todo seguro; e depois do ocorrido, eu me sinto o pior de todos os homens. Sabe aquele ditado, “uma vez bandido, sempre bandido”?

Augusto me apresentou ao Senhor Heitor, um homem já no auge dos cinquenta, alto, cabelos grisalhos, pele clara e olhos azuis. Ele era o dono da construtora e, durante a conversa, me explicou que contratava ex-presidiários

e tentava ajudar a todos que precisassem. Dizia que nós tínhamos que ter uma chance na vida de sermos reinseridos no mercado de trabalho. Fiquei ouvindo atentamente, e passamos horas conversando. Acho que ele queria ver meu perfil e como me portava frente às suas perguntas. Perguntou sobre tudo na minha vida. Conteí, fui o mais verdadeiro possível. Era a chance que a vida estava me dando para recomeçar.

Não sei se já aconteceu com você, mas têm pessoas que, quando conversam conosco, nos passam uma força de vontade tão imensa, que dá vontade de colocar os sonhos em prática e sair desbravando e conquistando o mundo. Porém, logo que fui embora, lembrei-me de quem eu era e do que havia feito. Aquelas palavras de impulso, de fé e de coragem desmoronaram. Decidi apenas manter o foco no trabalho. Afinal, um ex-presidiário que não quer voltar para a prisão precisa só se sustentar de maneira honesta; os sonhos ficam para quem realmente merece tê-los. Já não mereço nada de bom nesta vida. Basta o mal de cada dia que tenho que enfrentar e que é o preço do meu pecado: a solidão. Não se engane, todos os nossos erros, um dia, voltam e nos cobram as suas consequências. Pago o meu dia após dia.

Fiquei na casa do Augusto. A família toda me amparou em agradecimento por eu ter sido um bom amigo na prisão; por ter, em muitos momentos, o ajudado e o livrado de alguns problemas. Entenda, a prisão é um mundo à parte da sociedade; lá, temos que fazer alianças para poder sobreviver.

Em poucos meses de trabalho, consegui sair e alugar uma quitinete. Algo bem simples, um só cômodo e um banheiro, mas era meu canto. Logo que me mudei, muitos parceiros de antes da prisão foram me visitar, chamando-me para voltar. Não quero falar muito, mas eu estava começando a ser o terror na área que atuava. Uma vez, um amigo foi, e nós rimos muito de tudo que tínhamos aprontado. Depois que ele foi embora, fiquei muito triste. Como eu ainda ria de coisas com as quais não queria mais me envolver... Caro leitor, não quero cair em desgraça e voltar para a gaiola, tenho que encontrar forças dentro de mim para não voltar a querer ter vida fácil.

O tempo foi passando, e continuei na construtora. Fiz muitas casas para que muitas famílias fossem felizes. Sempre que eu via a casa terminada, e os donos chegando para conhecê-la, ficava me imaginando no lugar deles, com minha Mariazinha e minhas duas princesas. Triste pensamento, o meu. Elas já devem ter seguido o caminho delas, não devem nem lembrar que um João passou por elas.

Depois do primeiro ano, Augusto começou a se afastar de mim. Não

me convidava mais para os almoços de domingo, e eu não entendi. Ele continuava na construtora, mas estava trabalhando somente meio expediente. Dizia que estava estudando e que tinha conseguido uma bolsa.

O dono da construtora usava ele como exemplo para nós. Dizia que o conhecimento enriquece o homem, que todos deveríamos seguir o exemplo do Augusto e voltar a estudar. Tentei me aproximar do Augusto para entender como ele tinha conseguido a bolsa. Em vão. Todas as minhas investidas de aproximação, ele se desviava. Pensei que ele estava certo. Eu era um ex-presidiário com um crime maior que o dele. Ele estava se ajustando na vida. Não deveria realmente andar comigo.

Um certo dia, logo após o primeiro turno de trabalho, eu estava sentado numa mesinha improvisada que ficava num cômodo ainda inacabado da casa que estávamos construindo. Já era o horário de almoço, e eu me preparava para comer. Estava olhando para minha quentinha, sem abri-la, quando alguém se aproximou:

— Tá pensando na morte da bezerra, rapaz?

— Tô pensando na minha morte mesmo.

— Que é isto, rapaz? Tão novo pensando besteira.

Ainda de cabeça baixa, percebi que era o Senhor Heitor que havia se aproximado e se sentado à minha frente. Deu para ouvir o barulho do molho de chaves da caminhonete, que ele sempre carregava pendurado no passador da calça. Ele bateu as mãos nas pernas para tirar a poeira da construção, colocou o chapéu em cima da mesa e respirou fundo, como se estivesse muito preocupado. Até estranhei a sua presença, pois ele não costumava visitar as obras naquele horário.

— Senhor Heitor, me desculpe. Mas eu estou falando não literalmente, é porque estava analisando o meu amigo Augusto que está alcançando voos maiores, e eu continuo aqui. Não que aqui não seja um bom lugar. O senhor tá sendo como um pai me dando trabalho. Sei que é difícil acreditar em gente como eu.

— Calma, João. Você está correto em querer alçar voos maiores. Eu vejo você com muita capacidade para chegar aonde desejar, seu único problema é que você é uma pessoa que não confia em si mesmo. Você tem que deixar de ser tão depressivo.

— Doutor, como eu vou confiar em mim? Eu queria cantar, e olha onde eu fui parar. Numa prisão.

— Entenda, João, uma coisa: você já pagou pelo seu crime. Que isto fique bem claro.

— Mas não apaga o que eu fiz.

— Não apaga mesmo, mas você já cumpriu a pena imposta. Não foi?

— Sim.

Era uma tarde de verão. O sol estava escaldante. Senhor Heitor passou as costas da mão direita na testa para retirar o suor e olhou diretamente nos meus olhos.

— Tá pensando em voltar para o crime?

— Não senhor, nunca! Deus me livre de algo assim! — Fiz o sinal da cruz pedindo para Deus me ajudar nesse intento.

— Então este é o primeiro passo para não voltar. Agora é focar em você. Deixe de lado o passado, deixe de lado o que poderia ter sido. Se quiser reconquistar sua esposa, vá procurá-la.

— Não, doutor, eu aceito a decisão dela de me deixar para trás. Ela fechou a porta e fechada está.

— Por quê? Você não a ama mais? Não quer mais ver suas filhas?

O chorão aqui encheu os olhos de lágrimas.

— Não doutor, elas são o bem mais precioso que tenho na vida. Eu as amo como amo viver. Minha Mariazinha e minhas filhas são meu maior tesouro, mas não vou procurá-las.

— Não concordo com a sua decisão, mas se você já está determinado, eu o apoio. Olha rapaz, estou aqui para ajudá-lo. Vejo que você tem vontade, precisa confiar mais, homem! Você tem que investir mais em si mesmo. Não esqueça a coragem que há dentro de você. Entendo que, às vezes, acontece de sermos muito machucados pela vida, até mesmo pelas consequências dos nossos atos, e nos esquecemos da nossa essência. Porque percebo que a sua essência é forte, destemida. Você é uma boa pessoa. Errou, eu sei que sim, mas acontece muitas vezes de nós mesmos sermos nosso pior inimigo. Olhe com o sentimento de perdão pelo que fez. Você já foi sentenciado, condenado e já pagou o que devia para a sociedade. Você já está limpo. Tente manter-se limpo do crime, mas também manter a sua mente limpa. Você pode e deve recomeçar. Enxergo isso no seu olhar. A vontade de recomeçar e de voltar a lutar verdadeiramente pela vida. Tem algum curso que você gostaria de fazer?

— Obrigado pelas palavras, mas ainda estou muito machucado com as feridas que eu mesmo provoquei. E tenho, sim, alguns sonhos, e já até pensei uma forma de tentar realizar.

— Pois depois do expediente, vá falar comigo.

Depois de algumas semanas, eu soube que o Augusto tinha conseguido um emprego melhor e saído da construtora.

Eu continuei lá. Comecei um curso de culinária. Totalmente diferente dos meus dias trabalhando em construção. Pois bem..., depois que terminei o curso, o dono da construtora me indicou para um amigo que tinha um restaurante enorme, e eu fui trabalhar com ele. Ficava, durante o dia, na construção; e à noite, ajudava o *chef* na cozinha do restaurante.

Foi duro. Penei muito. Mas o dia mais gratificante desse ano foi no dia quinze de agosto. O dono do restaurante descobriu que eu sabia tocar a viola, cantar e que compunha também. Fiquei a noite toda tocando e cantando para os clientes. Para mim, foi uma noite mágica. Agora você entende por que eu quis ir para um restaurante? Sempre soube que muitos artistas começaram cantando em restaurantes e barezinhos.

Depois de algum tempo, Augusto me procurou. Disse que queria conversar comigo e marcou num barzinho. Eu fui. Era meu grande amigo. Meu exemplo. Quando cheguei, ele veio com uma conversa estranha, pedindo desculpas e dizendo que era obrigado a fazer aquilo. Eu, sem entender, perguntei sobre o que ele estava falando. Foi quando percebi que já estava rodeado de policiais. Eu fui preso. Voltei para a gaiola. Augusto tinha voltado a se envolver com o crime e, para se safar das acusações, disse para a polícia que ia delatar o cara que bolou o plano. Adivinhem! Ele indicou a mim.

Na delegacia, eu soube que estava sendo acusado de ter invadido a casa de um figurão. O homem havia sido morto no assalto. E adivinhem de onde o Augusto disse que saiu o tiro? De uma arma que eu usava no assalto. Como eu ia provar que não era eu? A viúva veio e me reconheceu como o assassino, disse que não tinha certeza, mas que eu parecia muito com o homem que havia matado o esposo dela. Fui humilhado, massacrado, meu ego voltou para o chão; aliás, ficou abaixo do chão. Passei por tudo para confessar algo que não fiz. Eu só dizia “não fui eu”, mas mesmo assim, fui preso. Disseram que eu podia ligar para alguém, mas eu ia ligar para quem? Sem família. O único que eu tinha era o Senhor Heitor da construtora, que depois dessa acusação, não ia querer saber de mim. Ainda mais depois de ter indicado um ladrão assassino para trabalhar com o amigo dele no restaurante.

Eu só conseguia pensar na noite que eu havia cantado como um passarinho e que, agora, eu estava de volta à gaiola.

Passei algumas noites na prisão esperando o desenrolar dos fatos. Augusto ficava em outra cela, distante da minha. Eu só queria saber o porquê de ele ter feito aquilo.

Duas semanas depois da minha prisão, Seu Heitor apareceu. Eu abaixei o rosto. Foi quando ele disse:

— Levanta o rosto, rapaz! O crime aconteceu, como você mesmo gosta de dizer, quando cantava como um passarinho.

Eu continuei de rosto voltado para o chão. Eu não entendia o que ele dizia. Agora eu era realmente um passarinho na gaiola.

— João, se anima! Não ouviu o que eu disse? Foi na sexta-feira, no dia quinze de agosto, no qual você estava com a viola, soltando a voz e encantando a todos no restaurante. E nos outros dias dos crimes da facção, você estava lá também. Lembra que você sempre bate o ponto no restaurante? O dono do restaurante, os empregados e alguns clientes já testemunharam que você estava lá.

Foi quando eu levantei o rosto e perguntei:

— O senhor acredita que não fui eu que matei o homem?

Meus olhos começaram a lacrimejar. Comecei a chorar como um menino. Como era bom ouvir, de quem havia me ajudado, que acreditava em mim; que sabia que não havia sido eu que tinha cometido um crime tão cruel, matar um pai na frente da esposa e das duas filhas. Logo eu que tenho duas filhas também.

— Não só acredito, como já estou com um advogado para você sair daqui.

Eu saí daquela prisão. Tinha passado apenas dois meses preso, mas, para mim, foi uma eternidade. Augusto, para acobertar o dono da facção, tinha me indicado como sendo o tal, pela delação e para ficar bem com a facção, mas, como se diz, o tiro saiu pela culatra. Agora ele iria responder por denúncia caluniosa.

Voltei para minha rotina: construtora, restaurante e, às vezes, cantando. Talvez você não acredite, leitor, mas é quase a vida mais feliz do mundo. Quase, porque perdi a Mariazinha, meu grande amor. A mulher do jeito que eu sempre havia sonhado, a que havia pedido a Deus em minhas

orações.

Não me ache enfadonho, caro leitor, porque, agora, eu só queria que ela soubesse que eu paguei o que devia e, como o Seu Heitor diz para mim: estou limpo. Fiz até uma canção pedindo perdão, mas como enviar para ela e fazê-la ouvir? Mas deixemos o amor, amar e ser amado de lado. Eu não faço a mínima ideia de seu paradeiro, para qual cidade se mudou, e se ainda permanece no nosso estado. Ela disse que ficaria o mais distante possível de mim.

Para um homem que erra, voltar a viver e ter uma chance é tudo. Sou um pássaro que, às vezes, canta, mas eu sou um homem muito feliz: ter a chance de recomeçar é tudo na vida de quem errou.

Heitor

(Dono da Construtora)

O Porquê das Coisas

“O meu mandamento é este: amem-se uns aos outros como eu os amei” (João 15:12). O Criador nos ordenou, como mandamento, o amor. E eu acredito que amar o outro está além de amar quem nos ama, os que são nossos: família e amigos verdadeiros. Eu acredito que um ponto importante seja também amar um desconhecido a ponto de ajudá-lo em suas necessidades.

Introduzo por esta mensagem de ajudar ao próximo, mesmo que seja um desconhecido, porque as pessoas não entendem por que eu gosto de ajudar o outro. Sabe aquelas pessoas que não têm nada, às vezes ninguém, nem para dar um pouco de apoio? Estas são as que eu mais gosto de ajudar. Eu confesso que tenho um amor pelos necessitados e ajudo, mas a pessoa tem que querer lutar para alcançar seus objetivos também. Eu não dou o pão, eu os ensino a ganhar o seu próprio. Acredito que o ser humano veio para este mundo com a finalidade de servir. O mestre dos mestres nos ensinou isso, mas muitos tentam me forçar a puxar algo do meu passado que possa mostrar algo que tenha me inclinado para esse lado humanitário.

Claro que nós aprendemos com o que é praticado em nosso meio, com as pessoas que convivem conosco. Podemos mudar nossa mentalidade e criar algo novo, para o bem ou para mal. Sim. Acredito que o ser humano possa ver o exemplo dos outros e, com o seu livre arbítrio, decidir seguir ou não o mesmo caminho. Minha família sempre foi caridosa, e eu, como cristão de berço, sempre quis ajudar o próximo.

Lembro-me do meu avô na minha infância, o Senhor Joca, abreviação de José Carlos. Foi ele quem me contou muitas histórias. Talvez tenha começado daí. Aí me indagaram, “Como?”. Bem, lembro-me de uma vez que estávamos, todos os netos, sentados ao redor de uma fogueira à luz do luar da fazenda. Já tínhamos comido muito milho, queijo e batata-doce assados, e Carlinhos, meu primo, disse “Vô, conta uma história para nós”. Lembro-me de ele dizer que já tinha contado as que ele sabia da Bíblia. “Conta mais, vô!”, eu disse em tom de súplica, endossando Carlinhos. “Está bem! Vou contar umas histórias que eu ouvi quando era mais moço, mas não

contem para os pais de vocês que eu contei. Só vou contar, pois elas podem, de alguma forma, servir para vocês quando crescerem. Para mim, algumas serviram de lição. As quais não tive que penar para aprender. Entendam, meus netos, é sempre bom aprender com os erros dos outros, porque, quando a gente aprende com os nossos erros, somos nós que pagamos o preço”. Todos concordamos e ficamos bem atentos, com os olhos esbugalhados e brilhantes olhando para nosso avô.

“Seu Mariano tinha uma pequena venda. Era o único sustento da família. Ele já era idoso e tinha oito filhas. Não tinha nascido um homem na família, e naquele tempo, mulher só servia para casar. Mulher não estudava como hoje e nem se formava. Bem, um certo dia, ele percebeu um senhor que entrava com um saco vazio e saía com algumas coisas sem passar pelo caixa. E isto aconteceu por três dias seguidos naquela semana. No quarto dia, ele chamou o único policial da cidade e mostrou o homem. O policial ficou observando, viu o homem pegar alguns alimentos e sair sem pagar. Ele o seguiu, o homem saiu correndo sem olhar para os lados. Foi quando passou um carro que, naquela região, não era muito comum, e atropelou o homem que corria desembestado. A batida foi fatal. A história correu a pequena cidade até que a viúva apareceu, grávida, com uma menina no colo e outra segurando pela mão. Quando o dono do mercadinho viu, foi até ela e disse:

— Ele estava roubando, senhora.

— Ele estava roubando para alimentar a mim e às filhas. Estamos passando fome. E agora? O que vai acontecer conosco, meu Deus?

— Por que ele não trabalhava?

— Ele trabalhava, senhor, na lavoura, mas foi demitido com a crise, faz seis meses. Meu Deus, ele só queria matar a fome das filhas! Não temos o que comer...

A mulher se pôs a chorar, o choro veio mais forte quando a filha de três anos disse:

— Mãe, diz pro papai levantar que eu tô com fome!

Seu Mariano se colocou no lugar daquele homem. Olhou para as filhas dele, lembrou das suas e se pôs a perguntar se não era melhor ter chamado o homem para conversar; ter, de alguma forma, ajudado a arrumar um emprego em vez de chamar o policial. Ele até sabia de alguns amigos que estavam precisando de empregados. Até ele mesmo precisava de alguém de

braços fortes, já que suas filhas não davam conta do trabalho pesado.

O policial, por sua vez, estava sentado debaixo de uma árvore, próximo do local, perguntando-se por que não havia abordado o homem dentro do mercadinho.

O homem foi enterrado no dia seguinte. Depois do enterro, todo sábado, Seu Mariano pedia para o policial levar uma cesta básica para a viúva, tentando, assim, diminuir um pouco a dor da família e seu remorso”.

— Não, vô, que história triste! — disse eu, já em lágrimas.

Carlinhos logo saltou e disse:

— Vô, mas ele não estava roubando? Morreu porque roubou.

— Que é isto, meu neto! Foi errado roubar, mas o preço pago por um pai de família que, no desespero, roubou um prato de comida, foi muito alto.

— As filhas deles cresceram sozinhas, né, vô?

— Sim, Heitor! Mas até onde eu me lembro da história. Seu Mariano ajudou como pôde na criação das filhas do outro. Eu vou contar para vocês outra história mais recente que eu me lembrei.

“Havia um orfanato chamado Cantinho do Céu. Lá, vivia uma menina chamada Alcântara Victória. Apesar de muito sofrida, ela era uma menina destemida, mas já tinha nove anos e não tinha mais esperanças de ser adotada”.

— Por que sofrida, vô? — perguntei, muito interessado.

— Sofrida, porque a vida dela não era fácil.

“A mãe tinha sido violentada e, desse crime, a menina nasceu. A mãe pensou em abortar, mas como era proibido e a família não apoiou, ela resolveu ter a criança. Depois que nasceu, a deixou no orfanato. Todos achavam que a menina não era adotada por este motivo. Próximo do aniversário de dez anos da menina, uma senhora que trajava roupas finas, aparentando ter muitas posses, foi até o orfanato e pediu para ver as meninas com mais de nove anos. Vieram umas quinze meninas. Ela olhou bem para as

meninas. Abaixou a cabeça, pegou o lenço que estava na bolsa e começou a limpar os olhos. A nova responsável pelo orfanato indagou, quase sussurrando, o porquê do choro. Ela disse que ficava emocionada com tanta criança sem família. Ela pediu para as crianças saírem, que queria conversar em particular com a responsável. Foi quando ela começou a falar:

— Eu matinha contato com o anterior responsável, mas eu tinha vindo aqui apenas uma vez, há uns seis anos. Eu vou ser clara para você como fui para o anterior, sou Emanuelle Figueiredo, sou avó de Alcântara Victória. Eu precisava ver como estava a menina.

Ela parou, secou os olhos novamente e continuou:

— Minha filha nunca superou o ocorrido. Ela não consegue vir aqui e ver como a menina está. E agora, ao olhar para ela, parece que estou vendo novamente minha filha aos dez anos. Muito sofrido isto. — A senhora voltou a enxugar os olhos e continuou. — Eu vou continuar contribuindo para o orfanato, mas não sei quando vou voltar. A minha única restrição, é que não deixe ninguém adotar minha neta.

— Mas senhora, o tanto que Alcântara Victória sonha em encontrar uma família...

— Eu imagino, mas eu não posso levá-la comigo. Eu já expliquei para o responsável anterior. Eu vou continuar dando a contribuição pomposa que eu dou para o orfanato, a única coisa que peço, é que não deixem ninguém adotar minha neta”.

— Vô Joca, a menina viveu a vida toda no orfanato? — perguntei eu, sem entender o motivo por que a avó agia daquela maneira com a neta. Hoje, entendo que é difícil entender os motivos dos outros quando eles agem diferentemente do que estamos acostumados ou pensamos sobre determinado assunto. Cada ser humano é um universo paralelo, não temos como entender as atitudes dos outros, pois as experiências são individuais. Às vezes, nós mesmos pensamos que, em determinadas situações, agiríamos de determinada maneira, e quando nos deparamos, agimos diferente do que havíamos imaginado.

— Calma, Heitor! Deixa eu continuar.

“A nova responsável analisou bem a situação e resolveu ajudar Alcântara Victória de alguma forma. Ela pegou cinquenta por cento da

fortuna que a avó dava por mês e colocou numa poupança no nome de Alcântara Victória. Com a outra parte, ela pagava uma escola particular para a menina, e o restante, colocava no orfanato. Ela conversou com Alcântara Victória e disse que não poderia conseguir uma família para ela, mas que ela deveria aproveitar a oportunidade, que um doador anônimo estava pagando seus estudos, e a mandou aproveitar ao máximo. E foi o que a menina fez. Quando completou dezoito anos, ela já havia passado no vestibular para Medicina. Ela dizia que queria ser médica para ajudar outras crianças como ela, que não tinham condições. A responsável pelo orfanato entregou para Alcântara Victória a conta no banco e explicou toda a história. Ressaltou que, apesar do dinheiro ter vindo de quem a havia abandonado, que ela usasse para investir na sua vida profissional. Disse para Victória mostrar ao mundo que, apesar de ter vindo por meio de um crime, havia superado todos os obstáculos e vencido. Alcântara Victória olhou nos olhos dela e disse:

— Obrigada, eu vou vencer sim, mas este crime, eu vou apagar da minha existência. Meus descendentes não vão sequer imaginar que um dia isso aconteceu com minha mãe. Ninguém merece saber que descende de um crime tão pavoroso, mas vão saber que eu vim de um orfanato, e que você me ajudou, para que eles saibam o valor de ajudar o próximo”.

“Tem uma história que, para mim, também é uma das mais tristes que já ouvi. Diziam que tinha um homem chamado Zé Pretinho, que era um escravo. Esse homem tinha uma sede peculiar de encontrar um trabalho digno, ganhar o seu sustento, o sonho de estudar e formar uma família. O seu maior desejo era ser livre para conseguir alcançar essas alegrias. Sonhava com uma casinha simples e com pelo menos um hectare para plantar o necessário para a alimentação. Mas, para isso, ele teria que arrumar um emprego para poder juntar dinheiro. Logo, quando os escravos foram libertados, ele conheceu a Florzinha.

Florzinha era uma negra muito bonita, cobiçada por todos que a conheciam. Zé Pretinho sempre a admirava de longe para que ela não percebesse. Ele se perguntava como uma mulher linda daquela iria olhar para ele. Ela recebia, quando ainda era escrava, muitas propostas de fazendeiros: que depois de ser liberta, poderia ter uma casinha e viver lá que

eles a sustentariam. Mas não, Florzinha sonhava em ter uma casinha, um quintal e uma família para amar e cuidar. Um certo dia, depois da libertação dos escravos, alguns se encontraram à noite, perto de numa fogueira, começaram a falar sobre seus sonhos e a dificuldade dos recém-libertos. Foi quando Zé Pretinho começou a falar.

— Meu sonho é pequeno, quero só arrumar um emprego para comprar uma terra, fazer minha casa, plantar um pouco, ter minha mulher, ter meus filhos e, quem sabe, estudar alguma coisa.

Ele falava pausadamente, pois o sonho ia se materializando em sua mente à medida que pronunciava as palavras.

— Se tu arrumares isso aí, eu posso ser a tua mulher!

Fez-se um silêncio. Zé Pretinho ficou sem saber quem tinha dito aquilo, ele pensou que houvesse sido Florzinha. Como era um sonho quase impossível uma mulher como ela ter olhos para ele, e como não tinha certeza, resolveu perguntar:

— Quem disse isso?

— Fui eu, Florzinha, Zé!

Zé Pretinho ficou com os olhos brilhando em direção à mulher mais linda que ele conhecia.

— Pois se tu quiser, eu quero também!

Ela se levantou e disse, saindo:

— Pois vai falar com meu pai.

Foi o que ele fez. Na mesma noite, Zé Pretinho foi falar com o pai de Florzinha e ficou tudo acertado.

Zé Pretinho começou a correr nos arredores tentando arrumar um emprego. Mas ele não queria trabalhar na lavoura. Ele queria trabalhar em algum comércio local. Rodou, rodou sem encontrar. Muitos diziam que aquele trabalho não era para homem da cor dele, que a freguesia iria sumir. Foram muitos ãos, até que, depois de muitos meses, Seu Floriano, vendo todo o empenho daquele homem, resolveu ajudá-lo e deu o emprego de faxineiro do seu comércio. Zé Pretinho trabalhou muito feliz naquele dia e foi embora.

Nos outros dias, ele continuou feliz no novo emprego. Zé Pretinho não fazia só faxina, mas ajudava a carregar caixa, era bom de conserto e fazia tudo que lhe fosse pedido sem reclamar. Um valoroso ajudante. Negociaram umas terras que seu Floriano tinha, porque o pobre lhe havia

contado seu sonho e como havia conseguido o coração da morena.

O único problema era que Zé Pretinho tinha que desaparecer de vista quando algum cliente chegava e, vez ou outra, ouvia alguns desaforos dos desconformados pela soltura dos negros. Contudo, ele sabia lidar bem com isso.

Infelizmente, houve um dia que não foi como os outros: havia uma movimentação estranha na esquina da Rua das Flores. Seu Floriano, depois de um tempo, seguiu para lá. Não foi antes, porque não tinha como deixar o comércio sozinho, mas pediu para um amigo olhar e foi ver o ocorrido. Chegou e viu a polícia parada, mas ninguém, de verdade, fazia nada. Tinha alguém morto ali, ele podia sentir isso, só não entendia por que, depois de tanto tempo da movimentação naquele esquina, não tinham levado o corpo. Então se aproximou e viu, primeiro, o papelão e, na sequência, o pé preto do Zé Pretinho. Lembrou-se do chinelo, ainda estava no pé, tinha sido ele quem tinha dado ao homem aquele chinelo gasto. No papelão, estava escrito com carvão: lugar de negro é na senzala.

Seu Floriano ficou pasmo, e apesar de ser um homem fechado, sem demonstração de muitos sentimentos, seus olhos começaram a lacrimejar. Afinal, ele havia tentado ajudar um pobre homem que só sonhava em gozar o direito que tinha à liberdade, e foi justamente isso que o encarcerou na morte. Por causa de homens que pensam que a cor da pele significa algo mais do que melanina”.

Quando meu vô parou de contar, eu estava em prantos, pensando em como a vida é cruel para muitos. Meus primos se levantaram e saíram para brincar. Carlinhos disse ao sair:

— Vô, a vida é assim mesmo, a gente tem que ser duro para enfrentá-la.

Todos saíram. Eu fiquei com um galhinho de uma planta qualquer ciscando o chão.

— O que você está pensando, meu neto?

Eu levantei os olhos e disse, com o coração em lágrimas, mas com a sinceridade que uma criança pode ter.

— Vô, eu vou lutar muito nessa vida.

— Para ser rico, meu filho, e não passar por esse aperreios da vida?

— Também, vô, mas principalmente, para que eu possa ajudar a quem não teve a mesma sorte de ter a vida que nem eu.

Lembro que meu coração se encheu de vontade de ajudar. Apesar de criança, eu percebia que nem todos tinham a benção de nascer na família e no tempo que eu tinha nascido.

João

Uma Sintonia de Pensamentos

Quando criança, eu gostava muito de brinquedos com muita adrenalina; depois que cresci, percebi que a própria vida era uma montanha-russa. Por isso que o homem esquece de como é bom brincar, afinal, quando crescemos, a adrenalina é real. Os altos e baixos a que temos que sobreviver nos fazem amedrontar e buscar mais uma calmaria. Posso estar enganado, pois já ouvi dizer que o segredo é aproveitar o momento. O *Carpe Diem*. Mas é fácil falar e difícil de praticar.

O ser humano tem a mania de não saber aproveitar cada momento de felicidade que lhe é dado. E não é por mal. Às vezes, não nos damos conta, de tão especial que o momento é. Acontece de nós não sabermos que aquele momento, apesar de ser simples, pode fazer uma falta imensa num futuro próximo. É porque a vida é feita de acontecimentos. Muitos deles. E a gente vai se acostumando. Somente quando não há mais a possibilidade daquele simples momento voltar a acontecer é que nos damos conta do quão especial que ele era. Quer correr na chuva com alguém que você gosta? Corra! Quer ficar sentado olhando para nada e conversando com alguém especial? Faça! Quer simplesmente jogar conversa fora? Jogue! Quer ouvir uma música? Quer ver um filme? Quer ler um livro? Quer deitar e descansar? Quer simplesmente olhar para a vida e agradecer pelo que está acontecendo? Agradeça e viva cada segundo, porque a nossa vida é feita de realidades, e a realidade muda sem pedir licença.

Mas voltando para nossos causos. Achei importante falar sobre alguém muito especial. Já que eu e Mariazinha não demos certo, vou falar um pouco de um casamento que deu certo. Calma, tudo tem um fim. No fim, tudo se encaixa, e eu posso deixar algum legado para vocês. Sabe quando há sintonia de pensamentos? Era assim com eles dois: Heitor e Victória.

Heitor, como já vimos, é um homem muito especial. Ele, desde pequeno, cresceu com a vontade de ajudar o outro. Como vimos, seu avô contribuiu bastante. Graças a Deus! Assim ele pôde ajudar muitos homens como eu.

Por descuido, esqueci de mencionar que a construtora foi criada apenas para ajudar quem precisasse. O Senhor Heitor sempre achou que seria

uma forma de ajudar diferentes pessoas com diferentes graus de instrução. A grande paixão dele era a fazenda de gado. Foi nessas andanças, pesquisando e comprando gado, que, ainda jovem, conheceu Victória.

Victória era uma moça alta de cabelos longos e loiros, olhos castanhos, a pele clara como a neve. Possuía calma e tranquilidade no olhar e no agir. Queria seguir os passos da família e ser médica. Já era uma tradição desde a sua bisavó. Havia sempre pelo menos uma pessoa na geração a fazer Medicina.

Você deve pensar que nada a ver ela fazer Medicina e conhecê-lo comprando gado. Calma, leitor! Vou explicar. O pai de Victória também era fazendeiro e tinha uma criação de gado.

Foi numa dessas visitas à fazenda do pai da moça que Heitor a viu ao longe brincando com algumas crianças. Apesar da distância, ele se encantou de primeira. Aquele jogar de cabelo, aquele caminhar e aquela desenvoltura com as crianças lhe chamaram a atenção.

Foi quando o Senhor Patrício percebeu o rapaz olhando para a filha e disse:

— Perdeu alguma coisa, rapaz?

— Não. — Ele tirou rapidamente os olhos dela e avermelhou as bochechas que ficaram parecendo um pimentão.

— Pensei que tinha vindo comprar meu gado, mas está é olhando para minha primogênita.

— Desculpe! Estou precisando de uma vaca leiteira.

O Senhor Patrício percebeu como Heitor havia ficado desconcertado e continuou:

— Sabe cavalgar?

— Sei sim.

— Você é novo, Heitor, e já tem um tino bom para o negócio.

— Eu sei que sou muito jovem, senhor, mas estou amparado em gigantes. Devo muito aos meus pais, e pretendo honrá-los e ser um bom homem.

— Realmente, é muito jovem para ter os recursos que já possui.

Os dois saíram pela fazenda, e o Senhor Patrício foi mostrando tudo e conversando com o rapaz. Ele queria conhecê-lo. Quando terminou o

passeio, Heitor foi convidado para almoçar. Foi quando ele viu de perto a moça por quem havia se interessado. Estava sentada à mesa, logo ali na sua frente, e ele se encantou ainda mais por ela. A moça, toda desenvolta, foi contar para o pai como estava sendo o finalizar do curso. Começou a contar sobre a residência que pretendia fazer. Ela, muito animada e muito sonhadora, encantou ainda mais a Heitor.

— Heitor, minha filha está se formando em Medicina. Ela pretende fazer Pediatria. Seu sonho é cuidar das crianças aqui da região.

Ela sorriu em direção a Heitor e perguntou:

— E você, o que faz, Heitor?

— Eu?

— Sim, Heitor é seu nome, não é?

— Sim. Eu me formei em Agronomia e tenho uma fazenda. Futuramente, pretendo montar uma construtora, mas primeiro preciso firmar a fazenda que meus pais me deram.

— Por que uma construtora?

— Uma forma de dar emprego e, assim, ajudar as pessoas.

— Que encantador! Você poderia somente usufruir do que a vida te proporcionou e, no entanto, quer ajudar o outro que não teve a mesma sorte sua. É isto?

— Sim, a senhorita leu meus pensamentos. Meu avô sempre disse que o maior valor de um homem é o que ele faz para ajudar a quem não tem nada para lhe oferecer.

Os olhos de Victória brilharam, eu nem preciso salientar que os de Heitor não paravam também. Sabe quando duas almas que se parecem e têm o mesmo intuito na vida se reconhecem? Foi assim com eles. Ambos tinham um enorme desejo de ajudar, e isso os uniu, e o amor foi brotando e floresceu dois anos depois num lindo casamento na fazenda de Heitor.

Heitor, como já sabemos, conseguiu formar sua fazenda em Capinzal, localizada em Belos Montes, e criou sua construtora em São Felinto. Victória se formou em Medicina, fez sua residência e trabalha na região. No início, ela atendia também em São Felinto, mas como era a única médica pediátrica que atendia nas redondezas de Belos Montes, preferiu se concentrar ali, pois em São Felinto já existiam outros pediatras. Belos Montes é uma região com muitas cidades interioranas que ficam próximas da cidade

principal que é São Felinto. Lá é onde se localizam, não só as fazendas de Heitor e do pai de Victória, mas também, como eu já frisei anteriormente, o presídio no qual fiquei preso.

Um casal feliz.

Era uma noite de lua cheia. Havia um silêncio na fazenda, pois todos já haviam terminado seus afazeres. Heitor e Victória estavam deitados numa rede na varanda. Heitor batia o pé no alpendre impulsionando a rede naquele balançar, enquanto ouviam apenas o barulho da noite e olhavam para o céu estrelado.

— Meu bem, nós somos tão felizes. Não acha?

— Somos sim, meu bem. — Heitor deu um beijo na testa de Victória.

— Nós fomos muito abençoados em nos encontrar. Duas pessoas com a mesma índole, mesma sede de ajudar o próximo. Essa casa, essa fazenda e esse povo nosso aqui em Belos Montes. Nossos filhos...

— Sim. São uma moça e um rapaz bem encaminhados.

— Sinto muita falta deles. Agora seguindo a vida em São Paulo.

— Mas nós já sabíamos que os filhos não são nossos. Eles têm seus próprios sonhos e escolhem seus caminhos.

— Eu sei, Heitor. O que me deixa triste mesmo é você.

— Eu?

— Sim. Eu já tenho que conviver com meus filhos longe e você, agora, está indo muito para São Felinto. Antes era só duas vezes na semana, agora você vai quase todo dia. Aconteceu algo na construtora?

— Meu bem, por quê? Se essa região aqui de Belos Montes é tão perto de São Felinto...

— Você fica longe... Eu entendo que você tem que dar suporte para a construtora também, mas eu já passo o dia trabalhando atendendo toda essa região de Belos Montes, e quando chega a noite e você ainda não está em casa é tão ruim. Me sinto sozinha.

— Eu vou explicar para minha amada ciumentinha... — Deu-lhe mais alguns beijos na testa.

— Eu não sou ciumenta. Só estou constatando.

— Lembra do Augusto, que eu trouxe a filha para você atender?

— Lembro sim. Ele até ficou comentando sobre o outro amigo que

gostava de cantar.

— Ele mesmo. Eu acreditei que Augusto era uma pessoa boa e que queria deixar o passado para trás.

— Às vezes as pessoas não têm oportunidade, e atitudes como a sua fazem uma grande diferença na vida delas. Meu bem, deve ser horrível sair de uma prisão, querer recomeçar e não ter quem o ajude.

— Sim, e eu o ajudei. Lembra que te disse que boto tanta fé nesse rapaz?

— Sim. Ele ainda está trabalhando com você?

— Não, ele já até saiu da construtora. Você acredita que ele foi preso semana passada?

— Sério? O que aconteceu?

— Ele se envolveu com uma facção criminosa.

— Que lastimável! Meu bem, você se arrependeu de ter ajudado ele?

— Até que não. Eu fiz minha parte, se ele não soube aproveitar, já não é culpa minha. O problema é que acusou o João de ter participado de um crime e ter assassinado uma pessoa.

— O amigo dele que gosta de cantar?

— Sim, mas estou achando muito estranho. O João aparenta ser uma boa pessoa. Apesar de eu ter me enganado com o Augusto, eu acredito que o João seja diferente. Ele passa muito arrependimento pelo crime que cometeu. Sabe aquela pessoa que tem sede de trabalhar? Que a gente percebe que tem uma vontade enorme de conquistar algo e de ser alguém? E eu não estou acreditando que ele cometeu este crime junto com o Augusto.

— Por quê? Se o outro envolvido era amigo dele...

— Meu bem, ele está tão animado, que está trabalhando na construtora e no restaurante do Vilmar. Lá, ele está cantando de vez em quando. Assim, eu acredito que ele não tem nem tempo de estar envolvido com os crimes que o delegado me disse que a facção do Augusto estava cometendo.

— E o Augusto, já é certeza que está envolvido?

— Sim, ele agiu como delator de alguns e envolveu o João nessa.

— O que seu coração diz?

— Diz que o João é inocente e que eu tenho que ajudá-lo.

— Então amanhã mesmo procure um advogado para se inteirar do caso e analisar a situação.

— Sempre me perguntam de onde surgiu esta minha vontade de ajudar. Hoje eu acredito que foi uma sementinha plantada pelo meu avô. Lembra que eu sempre te disse que gostava de ouvir as histórias que ele contava? Tinha até uma história sobre uma Victória também. Engraçado, que fui parar logo em uma família onde minha mulher é a terceira Victória da família.

— Segunda, meu bem...

— Como segunda, se até sua bisavó se chamava Victória?

— Querido, Victória..., Victória, somos eu e minha mãe.

— Eita, mulher, agora não entendi. Sempre soube que sua bisavó se chamava Victória, nem sei quantas vezes ouvi isso nos almoços de domingo.

Lindamente, a mulher sorriu.

— Na verdade, meu bem, minha bisavó se chamava Alcântara Victória, dizem que ela era a melhor médica de sua época e que ajudou muitos necessitados.

Ao ouvir o nome de Alcântara Victória, Heitor soltou um:

— Como?

— Como o quê, meu bem? — perguntou Victória, sem entender a forma como o esposo a havia indagado.

— Qual o nome da sua bisavó?

— Alcântara Victória, por quê?

— Por nada — disse ele. — Meu bem, vou ao banheiro e logo volto.

Victória ficou na rede a contemplar as estrelas, sem entender o susto do esposo, mas continuou deitada esperando por ele. Heitor foi ao banheiro e lavou o rosto, ficou se perguntando se a avó de Victória seria a mesma sobre quem o avô lhe havia contado em suas histórias. E se fosse, será que ela sabia da história real? Se não, ele deveria contar à sua amada? Muitas indagações em sua mente, mas ele resolveu voltar e se deitar novamente com a esposa, aguardando o desfecho da história para ter a certeza, e torcendo para que a Alcântara Victória da sua amada não fosse a da história do seu avô.

Não o interprete mal, o que pairava em sua mente, era se contaria a verdadeira história de Alcântara Victória, pois não se sentia autorizado.

— Está tudo bem? — perguntou ela.

— Sim, pode contar sua história.

— Como eu disse, minha bisavó se chamava Alcântara Victória. Meu avô teve duas filhas gêmeas primogênnitas, assim, ele colocou o nome da mãe nas duas: uma de Alcântara e a outra, de Victória. Entendeu?

— Sim. Sua tia é Alcântara mesmo. Eu nunca tinha me atentado para isso.

— Pois bem. Você tem seu vô Joca, e eu tive meu vô Adão. Ele sempre falava muito da mãe Alcântara Victória. Dizia que a amava muito. No entanto, sempre o achei muito sentido porque não conhecia os parentes maternos, mas eu cresci ouvindo como minha bisa era uma boa pessoa, como ela ajudava e como se doava, e eu cresci querendo ser como ela.

Victória contava olhando para o céu. Heitor estava voltando ao passado e lembrado de toda a história que tinha ouvido do avô e apenas disse:

— Meu bem, não importa o que fizeram com sua bisa, e sim o que ela fez da realidade apresentada para ela. Ela soube aproveitar, ela cresceu, ela usou a dor dela para ajudar o outro. E isto é o que importa.

Victória olhou para o marido e o viu com os olhos lacrimejando.

— O que foi? Você falou como se soubesse de algo.

— Nada, meu bem. Estou tão feliz que Alcântara Victória superou o mal. Ela ficaria muito feliz em saber que as gerações dela foram de pessoas boas apesar do crime, do abandono e do desprezo sofrido por ela.

— Falando assim, parece que você conhece a história, mas crime? Do que você está falando?

— Posso ter me expressado mal. Sua bisa foi uma guerreira com o que você me relatou. Ser criada num orfanato não deve ser fácil. Vamos lembrar dela como a heroína que foi.

— Heroína?

— Sim, somos todos heróis no teatro da vida. E eu te amo ainda mais agora.

Começou a chover. Os pingos que caíam na frente da casa respingaram no alpendre e molharam o casal. Heitor foi salvo pela chuva.

Victória

(Bisneta de Alcântara Victória e esposa de Heitor)

*O carma do Zé Pretinho.
Não mate meus sonhos, mamãe.*

Era uma sexta-feira de atendimento no Posto de São Felinto. Lá, foi onde comecei atuar na Medicina. Vida de médico é muita correria. Normalmente, não podemos nos ater a um único trabalho, o jeito é correr para atender todos os pacientes de forma eficiente. Era meio-dia, quando entrou uma senhora com sua filhinha de oito anos. Fiz a anamnese e os exames iniciais como de costume. A menina apresentava tosse, dores no corpo e o nariz estava congestionado, mas estava sem apresentar febre. Percebi logo que se tratava de uma virose que tinha acometido a região. Peguei o receituário para fazer a receita, quando a menina perguntou:

— Doutora, como é seu nome completo?

— Victória Silva de Albuquerque Cipriano.

A menina olhou para mim com um gesto angelical, mas logo franziu a testa com um ar de preocupação e disse:

— O meu é Paulina. Será que Paulina da Paz pode ser nome de médica?

— Claro que sim! Você tem vontade de ser?

— Doutora, essa menina sonha demais. Onde já se viu? — interrompeu a mãe.

— Calma, mãezinha, deixa-a responder. — A menina fitou a mãe com um olhar amedrontado e olhou para mim. Dei meu olhar mais terno possível para ela. — Diga, princesa.

— É o meu maior sonho. Eu tenho muita vontade de ser como a senhora.

— Você pode ser o que quiser. O que sonhar — disse eu, pegando na sua mãozinha e fazendo um sinal de afirmativo com a cabeça.

— Doutora, não fale isso para minha filha. Os sonhos se perdem quando a necessidade bate à porta, e tem mais... — A mãe da menina fez uma pausa, respirou profundamente. — Olhe para ela. Como a senhora acha que ela pode vencer na vida?

— Qual o problema da sua filha? Se ela estudar e se esforçar, ela pode, sim, alcançar seus sonhos.

— Doutora, eu até posso pagar os estudos dela, mas olhe para nós.

— Eu não entendo o que você quer dizer. Sua filha é saudável, plenamente capaz de estudar e alcançar seus sonhos com os esforços dela.

A menina colocou a mãozinha em cima da mesa e olhou nos meus olhos, parecia carregar todos os desapontamentos do mundo.

— É a nossa cor, doutora. Mãe disse que negro não tem vez, quanto mais mulher negra.

Eu perdi o chão. Por um momento, me deu um ódio da sociedade e até daquela mãe que estava cerceando o direito de uma criança sonhar. Se não pudermos sonhar enquanto somos crianças, o que faremos quando formos adultos? No que vamos nos tornar? Crianças sem sonhos? Engoli o ódio e decidi que eu não poderia deixar uma criança crescer sem sonhos. Olhei para a mãe e disse:

— Não mate os sonhos de sua filha. A vida é cruel demais e, se não tivermos o apoio em casa, como vamos vencer? — Olhei para a menina e continuei. — Minha pequena, sua cor não define nada em sua vida. Você pode sonhar em ser o que quiser. Você precisa ter foco e ir em direção aos seus sonhos. Quer ser médica? Pois estude e dê sempre o seu melhor. A vida não é fácil para ninguém, e para você, pode até ser mais difícil, mas é nesse momento que a vitória será maior. Sua cor não diminui em nada o seu QI!

— O que é QI?

— A sua capacidade de aprender, meu bem.

— Doutora...

— Diga, mãezinha.

— A senhora sabe o que é o carma do Zé Pretinho?

— Nunca ouvi falar.

— Era uma história que minha mãe contava. Quando o preto tenta ocupar um lugar que não é dele, o branco vem, destrói o sonho do preto, o

enterra e mostra que, nesta vida, o negro tem que ficar no lugar dele.

— A senhora já ouviu falar em Nelson Mandela?

— Já ouvi.

— Pois, mãezinha, ele disse, “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar”. Eu sei que a vida não é fácil. Sei também que não é fácil viver em uma sociedade preconceituosa e racista. Mas nunca deixe que esta sociedade molde o que você tem dentro do coração. Nunca a deixe moldar os seus sonhos. Somos apenas uma raça, a raça humana. O que nossos ancestrais fizeram foi desumano. Hoje, nós podemos olhar para o futuro sem qualquer tipo de carma, porque hoje, o ser humano tem que ser respeitado. Não existem mais senzalas. Mesmo que ainda existam senzalas na cabeça de alguns, a lei está aí para punir quem sair da linha e vier com algum tipo de preconceito contra o outro. Se sua filha quiser ser algo diferente, ou o mais alto cargo que um afrodescendente chegou, deixe ela lutar para ser. Deixe ela sonhar. O mundo já é cruel demais! Que não seja você a destruir seus sonhos logo no início. O mundo vai bater nela, muito e muito forte. Ela vai precisar do seu colo muitas vezes, mas que o seu colo e suas palavras sejam de amor e encorajamento para ela levantar e enfrentar o mundo quantas vezes for necessário.

A mãe começou a chorar e disse:

— Minha mãe fez o mesmo comigo. E eu agora estou destruindo minha filha por dentro também.

— Qual sonho seu foi destruído?

— Eu queria ser cozinheira de restaurante, daqueles que faz comida chique, mas minha mãe disse que não era lugar para mim. Aí eu me casei e fui cuidar da casa. A sorte minha e dos meus filhos é que meu marido ganha bem.

— Mas você é tão nova, mãezinha. Por que você não tenta? Aproveite que seu marido pode manter a casa, e busque seus sonhos também.

— Não sei. Se eu conseguir não destruir os sonhos dos meus filhos, eu já me dou por satisfeita.

— Nelson Mandela também disse que, “A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”. Apoie sua filha e a deixe ir até onde os sonhos dela almejam chegar.

A menina se levantou veio até mim e disse:

— Doutora, eu vou lutar e vou ser, um dia, uma médica como a senhora.

— Eu acredito em você.

Foi quando a mãe abraçou a filha:

— Filha, me perdoa. Eu estarei contigo sempre que você precisar.

Carlinhos

(Primo de Heitor)

Eu e o Ladrão de Pão

Era uma tarde de inverno. O céu estava cinzento anunciando um temporal que se aproximava. Eu estava numa rede na varanda da minha casa em São Felinto quando tocaram a campainha. Deitado estava, deitado fiquei. Eu gostava de apreciar o céu cinzento. Sempre pensei que a vida é como o céu. Tem dias com céu azul que são uma alegria tremenda; outros dias são como o céu cinzento. Eu, cá com meus botões, ouvi:

— Seu Carlinhos!

Era Mariana, uma senhora da Região de Belos Montes, que Victória havia arrumado para ajudar Tancinha. Já morava conosco desde o nosso casamento. Ela dizia que um dia iria ver a casa cheia de “buguelinhos” filhos de Tancinha.

Eu não respondi, e me veio outra indagação, o porquê de, ainda hoje, me chamarem de Carlinhos. Quando eu era criança, frangote, e corria pela fazenda do vô Joca, vai lá!, mas hoje? Já sou homem feito, no auge dos cinquenta e cinco anos, alguns cabelos já começaram cair do início da testa fazendo caminhos nas laterais da minha cabeça, além dessa pequena barriga protuberante de chope. Acredite, isso me incomoda. Foi quando ela se aproximou.

— Seu Carlinhos, é a polícia!

Olhei para ela assustado.

— O que eles querem comigo?

— Parece que roubaram a padaria do senhor.

Levantei de supetão. Pensei nos meus funcionários. O que poderia ter acontecido? Mas os policiais me informaram que tinham pego o ladrão. Eles, quando chegaram à padaria, presenciaram o homem pegando o pão e saindo correndo. Sim. Sem armas. Apenas um pobre coitado pegando o pão e correndo. Claro que eu, como dono, não aprovo uma atitude dessa, mas prender por ter pego um pão?

— Onde está o homem?

— Já está preso.

Informei aos policiais que, naquele momento, não poderia ir, mas que em uma hora eu estaria na delegacia para falar com o delegado. Imediatamente, fui até a padaria para ficar ciente do ocorrido. Fui informado pelos meus funcionários que o rapaz havia entrado, pegado o pão e saído pela porta da frente. Um dos funcionários gritou:

— Senhor, passe no caixa.

Ao ouvir, o homem saiu correndo. Foi quando os policiais à paisana estavam entrando na padaria. Eles logo abordaram o homem, o chamaram de ladrão e o levaram para a delegacia. Depois de ouvir do ocorrido, fui falar com o delegado. Ao chegar lá, pedi para ver o rapaz. Ele estava acuado no canto da cela com a cabeça baixa.

— Boa tarde! O que aconteceu para o senhor ir até minha padaria e roubar pão?

— Fome.

— Do que você se sustenta?

— Tá brincando, né? O senhor acha mesmo que, se eu tivesse um trabalho, eu roubaria pão para comer? Quanto vale aquilo, uma fortuna para um assalariado ter que roubar?

— Parece que você é mais turrão do que eu, bicho bruto! Estou tentando ajudar, e você vem com grosseria. Olhe que eu não tenho muita paciência. Por que você não trabalha?

O rapaz levantou a cabeça, veio até mim e disse baixinho:

— Porque homens como o senhor não dão emprego para homens como eu.

A forma como ele falou corroeu meu coração. Eu realmente não daria emprego para um homem como ele. Ele estava com as roupas sujas, parecia que não tomava banho há dias, os cabelos e a barba então! Também estava mancando, acredito que por conta de uma ferida e um inchaço no pé direito. A aparência dele me incomodava muito. Eu não sou como meu primo Heitor que gosta de ajudar pessoas envolvidas com crimes, mas aquele homem roubando para comer mexeu comigo.

— Senhor, eu venho do interior. Já estou há um ano nesta cidade, não arrumei um emprego. Deixei minha família no interior, e não tenho dinheiro nem mesmo para voltar para casa. Ainda teve um cachorro de rua que me

mordeu ontem, e esse pé já começou a inchar. Acha realmente que eu teria míseros centavos para comprar seu pão?

— Eu vou falar para o delegado lhe soltar, vou lhe *dá* o dinheiro da passagem para voltar para casa e para você ir no hospital ver esse pé. Acredito que terá que tomar umas vacinas.

— Sou homem pobre. Não acredito em benevolências de homens como o senhor.

— Pois sou homem de palavra. E você não me contradiga! — Apontei-lhe o dedo em riste.

Quando cheguei ao delegado e disse que podia soltá-lo. Ele me disse que esta decisão não cabia a mim. Falei-lhe que a padaria me pertencia, e como o crime cometido tinha sido nela, eu não denunciaria o rapaz. O delegado disse que não tinha sido eu que o havia denunciado, os policiais foram apenas me informar. Disse-me que bandido é bandido, sendo de pão ou de carro, e que ele tinha sido preso em flagrante. Ainda comentou que ele tinha que agradecer, pois já estava vindo um profissional para dar uma olhada no pé e dar as vacinas para ele. Fui embora sem saber o que fazer para ajudar o rapaz. Quando cheguei em casa, o amor da minha vida estava a me aguardar, era Tancinha.

Tancinha é a mulher mais perfeita que um homem pode querer para si. É baixinha, tem cabelos negros e lisos na altura do ombro, um corpo que parece que foi desenhado de tão perfeito. Tinha um tom de pele bronzeado natural. Adorava usar salto alto, e o seu caminhar era de uma elegância espetacular. Eu só tinha olhos para minha pequena. A vontade de ter um filho meu a deixava mais bela. É sábia na hora de falar, prudente e eficaz na hora de agir. Eu me espelho nela em muitas coisas. Cheguei em casa soltando fogo pela boca, mas Tancinha veio me fazendo carinho, dizendo que eu deveria tomar um banho. Relaxar. Descansar. Comer algo e que, depois, nós pensaríamos em como resolver aquela situação. Ela não deixou eu falar no assunto a noite toda. Disse que eu deveria dormir cedo, que no dia seguinte, com a cabeça calma, conversaríamos sobre o assunto.

No dia seguinte, tomamos nosso café e somente depois, ela veio toda carinhosa e disse:

— Agora, meu marido, vamos conversar. Já estou sabendo do ocorrido, agora preciso saber o que, para você, é o mais justo a ser feito.

— Tancinha, eu queria que o rapaz fosse solto. A história dele me lembrou uma que meu avô contou quando eu era criança.

— Seu avô era um homem muito sábio. O que você acha que ele faria nessa situação e o que pretende fazer?

— Eu senti que deveria livrá-lo da prisão e ajudá-lo a voltar para a sua família.

— Você falou com o delegado?

— Sim, mas ele disse que eu não prestei queixa. Que o homem foi preso em flagrante, que assim, ele estava nas mãos da justiça.

— Meu bem, acredito que, nessas circunstâncias, este rapaz vai precisar de um advogado ou defensor público. Veja com Demétrio o que ele pode fazer.

Foi o que fiz. Na mesma semana, foi designado um defensor público para o rapaz. O defensor disse que poderia ser uma grande batalha judicial apesar do valor irrisório do bem. Durou alguns meses para que o rapaz fosse solto e voltasse para sua casa, mas o meu problema apenas havia começado.

A repercussão do caso foi tão grande, que emissoras de televisão quiseram fazer entrevistas comigo e com o rapaz. Eu fiquei com receios, não queria aparecer na televisão em rede nacional. Simplesmente não queria. Falei isso para Tancinha, mas ela disse que era vergonha besta. Que mal teria? Ela nem imaginava o mal que teria.

Fui parar nos principais jornais. O dono da padaria que ajudou a defender o ladrão de pão. Que grandiosidade tem nisso? O homem roubou para comer. Eu nunca passei fome, mas imagino que não seja bom.

Confesso que, para livrá-lo o processo durou muito mais do que eu imaginava. Ele foi sentenciado a pena mínima em regime semiaberto.

E foi assim a minha saga em ajudar a um pobre homem que só queria um pão para comer. A dele teve fim; e a minha estava apenas começando.

Tancinha

(Esposa de Carlinhos)

Eu e o Ladrão de sonhos

Na vida, aprendemos que um herói de uma história pode ser o vilão de outra, e assim aprendemos a nunca esperar demais das pessoas. O ser humano tem a arte de errar e machucar quem mais ama. Posso parecer deprimente, melodramática, mas o que vou lhes contar agora me causou tanto sofrimento, que acho que perdi a confiança no ser humano.

Depois que o Senhor Manoel, o ladrão de pão, foi embora, meu marido Carlinhos mudou o comportamento e começou a ficar angustiado. Apesar de ser um homem bom, ele nunca foi uma pessoa tranquila e calma, era sim um pouco agitado e de pavio curto. No entanto, depois do ocorrido com o Senhor Manoel, meu marido ficou mais ansioso do que de costume. Recebia as cartas e verificava cada uma, corria para atender o telefone, e sempre verificava quem estava a bater na porta de casa. Cheguei a pensar que ele estava com receio de ser realmente assaltado, mas ele dizia que não era isso. Eu, como sempre, tentava deixá-lo o mais tranquilo possível, até que, depois de seis meses, ele relaxou e eu tive meu bom marido de volta.

Era uma tarde fria, a chuva havia acabado de passar, e eu estava brincando com meus filhos de quatro patas no jardim. Ah! Esqueci de dizer-lhes que ainda não tive filhos. Tenho um problema no útero que atrapalha que uma criança seja gerada, mas o médico disse que deveríamos ficar tentando, que uma hora a vida nos daria a dádiva de ter um filho. Eu sofro muito por não ter dado, ainda, filhos para meu marido. Decidimos que adotariamos em algum momento de nossa vida, mas por enquanto, eu crio apenas meus três cãezinhos.

Eu estava no jardim, vendo meus filhos de quatro patas brincarem, sentindo uma paz maravilhosa, quando Mariana, a senhora que me ajuda, disse:

— Dona Tancinha.

— Sim. — Virei-me para ela cheia de paz, mas ao vê-la, senti um calafrio. Seu olhar era de espanto.

— Dona Tancinha...

- O que aconteceu, Dona Mariana? Que expressão é esta?
- Tem uma senhora lá fora querendo falar com a dona da casa.
- Ah! É só isto? Do que se trata? — Voltei-me para meus cachorros.
- É melhor a senhora ir lá.

Mariana estava apertando as mãos de uma maneira que me deixava aflita com sua angústia. Levantei-me. Deixei meus filhinhos de patas lá e fui para a frente da casa. Quando cheguei, havia uma senhora, mais velha do que eu, com três filhos adolescentes.

- Boa tarde. Em que posso ajudá-la?
- Eu só quero saber se a senhora é o cigarro que meu marido foi comprar e nunca voltou para casa.
- Como?
- A senhora é surda? Eu quero saber se a senhora é o cigarro que meu marido foi comprar e nunca voltou para casa.
- A senhora está batendo na porta errada. Com licença, que eu tenho mais o que fazer.
- Ah! Eu estou batendo na porta errada? Pergunte para meu filho mais velho qual o nome dele.
- A senhora está sendo inconveniente. Faça o favor de sair da frente da minha casa e procurar seu caminho.
- Meu filho primogênito, diga seu nome para esta linda e jovem senhora.
- Meu nome é Carlos Machado Cipriano Filho.

Nem preciso dizer que, ao ouvir o nome, meu mundo caiu, eu despenquei do meu castelo e destrocei-me no chão. Eu só consegui fechar a porta e correr para meu quarto. Eles continuaram batendo na campainha por horas. Eu disse para ninguém abrir, e deixar que o Carlinhos, quando chegasse, resolvesse.

Aquela campainha parecia que corroía a minha mente. Eu não sabia o que fazer, onde me esconder e para onde ir. Liguei para meus pais em Orlando do Sul. Minha mãe disse para eu ficar na minha casa, meu pai disse que, se eu quisesse, iria me buscar no mesmo instante. Eu resolvi esperar meu marido voltar para casa. Enquanto isso, eles permaneceram na frente da minha casa de sonhos; ela, com seus três filhos, atrás do meu marido. Eu, com

os meus no quarto, dentro da minha casa, a desmoronar. No meio do caos, eu adormeci. Ouvi, ao longe, uma voz dizendo:

— Amor, acorda. — Aquela voz era muito familiar. Não quis abrir os olhos e ele continuou. — Amor, acorda. Ela já foi embora, e nós precisamos conversar.

Eu abri os olhos lentamente. Aos poucos, fui me recordando da tempestade que estava a destruir meu lar e minha vida. Dizem que estas fora de época são as piores.

— Eu estou com tanta raiva de você! Mas eu só consigo pensar que ela te deu três filhos e eu...

Virei de bruços e coloquei meu rosto todo no travesseiro e voltei a chorar.

— Eu me casei com ela na igreja, nós não nos casamos no civil. Eu não a amava. Quando saí de casa..., eu... — Ficou em silêncio por um tempo, mas depois continuou. — Eu não sabia que te encontraria e que me apaixonaria perdidamente. Foi amor à primeira vista. Eu, homem turrão; você era a paz que meu coração sempre sonhou. Começamos a namorar, e eu não tinha como te contar que já tinha uma família. Conheci seus pais, eles me adoraram... Como eu ia contar para vocês que era casado na igreja? Eu queria tanto você! Estar com você e viver a vida com você. Aí resolvi não voltar mais para eles...

— Cadê eles? Ainda estão em frente à minha casa?

— Não. Eles foram embora, eu fiquei de procurá-los. Eu vou ficar com você, que é minha amada esposa, a pessoa que mais amo nesta vida.

— Você casou perante Deus duas vezes? Eu sou a outra? Como você pôde fazer isto comigo? — Levantei-me e comecei a olhá-lo fixamente, mas minha vontade era de matá-lo. Desculpem-me a franqueza, mas a dor que sentia era tão grande, que era só no que eu pensava.

— Deus sabe o quanto eu te amo. Por favor, me perdoa!

— Ama? Casou duas vezes na igreja! Eu vou ligar para meu pai vir me buscar. Eu não sei quanto tempo vou precisar para processar toda esta história. Se quiser esperar até eu saber o que vou fazer, espere! Mas enquanto isso, vou morar com eles em Orlando do Sul.

— Eu te espero a vida toda. O quanto precisar.

Mariazinha

(Ex-mulher de João)

Quando João desabou meu mundo.

Parece que eu sempre chego atrasada na vida. A minha história deveria ter sido a primeira, pois se trata da mais cruel e covarde traição que um homem pode fazer com uma mulher. A dor é minha, e eu decido se ela é a maior do mundo.

Casamos muito cedo, mas eu era uma mulher feliz. Meu marido trabalhava para um grande fazendeiro local, ganhava muito bem, e eu tinha minha máquina de costura. Eu era solicitada por todas as mulheres ricas da região. Nós estávamos prosperando, mas, não... O homem tinha que sair da linha.

Era uma terça-feira normal em São Julião da Pedra. Eu havia passado o dia trabalhando na costura. Estava muito cansada. Resolvi me sentar à porta de casa e observar o ir e vir das pessoas. Era uma cidadezinha pacata, não havia violência, e os crimes eram só os que a gente via pela televisão. Quando veio uma senhora, pegou uma cadeira dentro de casa, sentou-se ao meu lado e começou a conversar.

— Teu marido tá andando mais elegante nos últimos tempos, reparou?

Ela, Dona Florência, casada com um grande comerciante local, era uma das minhas clientes mais antigas, que eu considerava como amiga. Eu fiquei sem entender a afirmativa e a indagação posterior, respondi apenas que o João era assim mesmo. Gostava de se arrumar. Ela veio com uma certa cumplicidade que eu desconhecia para falar daquele jeito do meu marido. Disse-me que ele era muito bonito, parecendo um artista famoso, que eu tinha que tomar cuidado. Muitas mulheres andavam na minha casa. Alguma delas poderia se engraçar para o lado dele. Que eu deveria abrir bem os olhos e que podia contar com ela em qualquer desconfiança. Se mostrou muito amiga. Na verdade, eu nunca havia pensado nisso, mas infelizmente, era algo que poderia acontecer. Já tinha visto algumas mulheres observando exageradamente meu marido.

João era um homem muito bom e bonito. Era alto, cabelos escuros e

olhos azuis. Sempre foi esbelto. Eu me sentia incomodada com as mulheres o observando, mas eu sempre confiei no meu marido. Só estava estranhando que, em casa, estava entrando mais dinheiro do que antes. Ele estava me dando dinheiro a mais para eu comprar roupas novas para mim e para as meninas, e tinha começado a dizer que, em breve, eu sairia da costura. Eu sair da costura? Eu tinha o sonho de montar uma marca com roupas fabricadas por mim, mas para isso, eu teria que ter capital para as primeiras peças e para contratar costureiras para me ajudar. Mas leitor, deixemos meu sonho de lado e vamos para o que realmente importa neste momento da história.

Bem, meu marido estava prosperando, e eu sabia que aquele dinheiro a mais não podia estar vindo do trabalho dele.

Foi num dia lindo. De céu limpo e claro indicando que o sol estaria radiante naquela manhã. Eu levantei mais cedo que de costume e fui para a sala. Lá estava ele, meu marido, sentado com outro homem, dividindo o que seria a parte de cada um. Eu, como a mulher sábia que tinha aprendido a ser, deixei o homem sair e esperei meu marido ficar sozinho.

— O que estava acontecendo aqui?

— Oi, meu amor! Você já acordou?

— Não conheço aquele sujeito! — falei, para que ele soubesse que eu o tinha visto.

— Ele vende umas coisas para mim, mas não se preocupe.

— João, me diga o que está acontecendo, e que tanto de dinheiro é esse na nossa sala — disse-lhe com uma aflição na voz.

— Meu amor, eu tenho que pensar no futuro de nossas filhas. Eu estou fazendo uma poupança para elas e para nós dois. Vamos ter uma vida melhor.

— O que você está vendendo para ter este lucro todo aí?

— Em breve você não precisará mais costurar... — João começou a colocar o dinheiro que estava em cima da mesinha dentro de uma mochila preta que eu ainda não tinha visto dentro da minha casa.

— João, quem te disse que eu não quero mais costurar? Você não sabe que meu sonho é ter minha própria marca de roupas?

— Eu sei, meu amor, mas com esse dinheiro que eu estou ganhando, você vai poder contratar costureiras para fazer o trabalho pesado.

— Você, em toda frase, me chama de meu amor. Se eu sou mesmo

seu amor, me diga de uma vez o que está fazendo para ter todo este dinheiro?

— Meu amor, não se preocupe.

— João, trabalho honesto não deve ser, porque senão você não estaria me enrolando desse jeito.

— Eu estou vendendo umas coisas.

— Essas coisas não têm nome?

— Têm.

— É droga, João?

— Vai dar um futuro melhor para você e minhas filhas. — João se levantou, pegou a mochila, uns papéis que também estavam em cima da mesinha e saiu caminhando. Eu continuei falando enquanto ele se distanciava, até que ele parou em frente ao nosso quarto, de costas para mim. — A custa de drogas? Acabando com as famílias dos outros? Correndo o risco de você ser preso e, conseqüentemente, acabar com a nossa família? Não! João, saia já deste negócio. Um dos motivos que eu me casei com você era porque você era um homem honesto com um trabalho honesto. Você bem sabe que dinheiro nunca me deslumbrou, e sim a honestidade de quem está ao meu lado. Por isso, trate de deixar esse negócio, caso contrário, eu e minhas filhas sairemos da sua vida. Eu volto para a casa dos meus pais, mas não fico morando com uma pessoa que vende droga. Ainda fica fazendo negócio dentro da minha casa, debaixo do teto que estão as minhas filhas.

Quando eu terminei de falar, ele entrou no nosso quarto. Também saí da sala e fui para o quarto das meninas. Fiquei olhando para elas, chorando e perguntando no que o pai delas estaria pensando. “Se ele for descoberto, vai preso, e eu vou ter que cuidar sozinha dessas crianças, meu Deus!”.

Passaram-se alguns dias, e eu estava na minha costura, quando uma amiga chegou.

— Mariazinha, para essa máquina de costura!

— Mulher, que cara é essa?

— O João foi preso. Tá na delegacia.

— Meu Deus! Eu mandei o João parar. Agora, que vergonha, meu Deus! Minhas filhas...

Comecei a chorar. Foi quando ela perguntou:

— Você já sabia o que estava acontecendo?

— Sabia! Falei para ele parar que isso ia levar ele para a cadeia e ia acabar com a nossa família.

— Como você suportava?

— Eu não suportava. Descobri no início da semana passada e o mandei parar.

— Mariazinha, você é forte. Se fosse eu, no seu lugar, teria dado uma surra naquela mulherzinha.

— Que mulherzinha?

— A Florência! Como ela pode ter um caso com o seu marido e viver aqui na sua casa fazendo costura? Vir ficar de conversa com você. Achei que ela fosse sua amiga.

— Caso? Costura? Florência? Do que você está falando, mulher?

— Você não disse que descobriu no início da semana passada?

— Do que você está falando?

Eu tive a sensação de que não se tratava das drogas que meu marido estava vendendo.

— Calma, minha amiga.

— Conte-me exatamente o que você sabe.

— Eu sei que seu marido estava com a Dona Florência dentro do carro dela lá na Rua das Primas. Alguém viu o carro e avisou para o marido traído. Ele foi até lá. Quando chegou, pegou o João e ela no flagra. O marido começou a brigar com o João. Eles ficaram brigando pela rua. Foi quando um senhor entregou uma arma para o outro, que apontou para o João. O João foi para cima, rolaram pelo chão, e a arma disparou. O marido dela morreu no local. O João ficou no chão, chorando e olhando para o homem morto. A polícia chegou e o levou. Ele ficou repetindo que estava se defendendo. Os policiais disseram que o marido era quem estava defendendo a honra e morreu. Chamaram ele de todo tipo de nome feio.

Eu fiquei em estado de choque. Ela, exatamente ela, a Dona Florência que havia me mandado cuidar do meu marido. Que ele era bonito. Que as mulheres ficavam de olho nele. E ela, justamente ela, era quem estava tendo um caso com ele. A vida vai nos mostrando que, quem se faz de amigo, nem sempre o é no sentido literal da palavra. Agora eu entendo o sentido de lobo em pele de cordeiro.

— Mariazinha, mas o que você descobriu do seu marido que não era a traição?

— Nada, não.

— Nada?

Meu coração esfriou, João não tinha pensado na gente. “Meu amor” era só da boca pra fora. Como alguém que ama pode agir desse jeito? Duas filhas, e o homem nem se preocupou. Era um tal de meu amor pra cá e pra lá, mas, na verdade, não gostava da gente.

Quando fui visitá-lo, ele disse que havia sido a primeira vez que me traía. Se eu acreditei? Claro que não! João não seria o primeiro nem o último homem a negar traição. Mas a dele foi pior. Pagou um alto preço. Meu marido foi condenado. Eu fiquei com minhas filhas, sendo hostilizada naquela pequena cidade. E isso, porque o envolvimento do João com as drogas não foi descoberto. Ele, quando foi preso, pediu que eu não comentasse com ninguém, porque ele não iria mais se envolver com nada ilegal. Claro que fiquei de boca fechada. Imagina como seria, para minhas filhas, descobrirem que o pai, além de ser um traidor da família, era também um vendedor de drogas. Um perfeito bandido. Foi quando eu decidi abandonar o João e levar minhas meninas para morarmos em Orlando do Sul, uma cidade distante na qual eu não tinha nem um conhecido.

Minhas filhas diziam que era a Disneylândia do Brasil; por causa do nome e porque lá tem um pequeno parque aquático. Uma cliente de São Julião da Pedra me indicou para uma grande fábrica que estava estabelecida lá. Partimos, eu e minhas duas filhas, para nossa nova vida, deixando tudo para trás. João ficou, foi sentenciado e condenado à prisão. Foi cumprir pena no presídio da região dos Belos Montes.

Mariazinha

Uma amiga para mim

Quando cheguei em Orlando do Sul, logo fui trabalhar na fábrica. Os primeiros dias foram muitos difíceis, minhas filhas sempre perguntando pelo pai, e eu tendo que me desdobrar para ser o pai e mãe ao mesmo tempo. Sei que isso não é algo raro na vida. Muitas mulheres sustentam uma família sozinhas, seja por serem mães solteiras, serem viúvas ou serem como eu, traídas e massacradas pelos maridos. Talvez o leitor pense que eu estou exagerando. No entanto, não tente entender uma dor que ainda não passou, porque se já tiver passado por esta dor que eu trago aqui no peito, deve saber o tamanho do meu sofrimento. Só quem teve uma pedra no sapato sabe a dor e o tamanho do calo. E as pedras nunca são iguais de um sapato para o outro.

Creio que este seja um erro comum da maioria das pessoas: tentar imaginar a dor do outro. Por exemplo, só vai saber o que é perder uma mãe, um pai ou qualquer ente querido, quem já passou por essa situação; o resto são conjecturas e imaginações. Só sabe o que é a dor da traição quem já foi traído. Assim como só se sabe o que é amar e ser amado, sentir o frio na barriga, sentir como se existissem mil borboletas no estômago, quem já passou por isso. Para mim, a vida é só uma, e, dela, não temos o controle. Sei que, às vezes, tentamos controlá-la, mas é um desgaste desnecessário, porque a vida se guia por si só. Não temos como mandar parar e pedir para mudar o rumo. É pensar que estamos aqui e devemos dar o melhor de nós mesmos.

Eu, por exemplo, nunca imaginei passar por esta situação, e cá estou eu: sozinha, com duas filhas para criar, marido preso, tendo que dar conta do meu emocional, do emocional de minhas filhas e, ainda por cima, sustentar uma casa para não deixar faltar o necessário. Fácil? Claro que não é, mas penso que eu, apesar de tudo isso, sou uma pessoa que tem muita fé em Deus. Eu creio que todo esse mal passará, e que eu vou conseguir, apesar da humilhação e da dor, vencer na vida. Vencer na vida, para mim, é sustentar minha casa, criar minhas filhas, tirar o nosso sustento do meu trabalho; e o meu trabalho será meu ateliê com minha loja para vender minhas produções. Minha marca.

Eu já tinha algum dinheiro guardado e fiz algumas economias. A escola pública local era de boa qualidade, assim meu gasto com minhas filhas era pouco. Fui comprando máquinas e equipando meu ateliê. Quando eu já

tinha o necessário, produzi algumas peças e fui montando uma pequena loja em frente à minha casa. Contratei uma moça para ficar fazendo o atendimento. Durante o dia, eu ia para a fábrica. Quando eu chegava em casa eu ia produzir as minhas peças. Dormia muito pouco. Foi muito difícil no início, mas com um ano, eu já consegui contratar mais duas costureiras e saí do meu trabalho na fábrica. Minha loja já estava montada. Sou muito feliz com minha conquista, pois, apesar do que o João fez comigo e minhas filhas, eu consegui me erguer e construir um patrimônio. Posso dizer que eu combati o bom combate, guardei a fé e venci a guerra.

Havia um casal que eu gostava muito, eles foram as primeiras pessoas com quem eu fiz amizade quando vim para Orlando do Sul. Eles eram cristãos, me levavam para igreja e me ensinaram a orar. Apesar de toda a fé que eu professava, eu confesso que eu não sabia conversar com Deus. Eles me mostraram que Deus podia sim, ouvir as minhas súplicas, que bastava eu ir de coração sincero e confessar-me a Ele. Isso foi muito importante para mim, pois eu me sentia sozinha sem ter para quem contar minhas aflições. Saber que eu podia dobrar meus joelhos e derramar todo meu sofrimento, foi muito importante. Ainda hoje é, porque eu sei que há um Deus que me ouve e responde.

Senhor Ptolomeu e Dona Carmélia são dois anjos que Deus colocou na minha vida, para amparar-me e ajudar-me a levantar. Muitas vezes precisamos de pilares para nos dar força, principalmente os mais velhos, que têm mais sabedoria do que nós, pois já viveram mais. É sempre bom ouvir seus conselhos.

Eles tinham uma filha que era casada e que quase não vinha visitá-los. Eu, apesar de toda a proximidade com eles, não a conhecia, pois eles é que sempre iam para São Felinto para passar uns dias com ela. Quando ela vinha, eu sempre estava viajando com minhas filhas. Um grande desencontro. Um certo dia, quando eu passava em frente à casa deles, vi uma moça entrando com Dona Carmélia e parecia que estava a chorar. Foi quando o Senhor Ptolomeu disse:

— Mariazinha, venha aqui.

Fui até ele. Senhor Ptolomeu disse-me que a filha, Tancinha, estava muito triste e amargurada. Havia tido um desentendimento com o marido, e me perguntou se eu poderia ir visitá-los a noite. Ele queria uma companhia jovem para a filha. Como sempre, fui grata a eles. Logo que anoiteceu, eu fui. Chegando lá, Tancinha ainda estava trancada no quarto. Foi quando eles me contaram do ocorrido. O marido dela, que era vinte anos mais velho, a havia

traído. Na verdade, havia mentido sobre uma família anterior. Ele tinha se casado na igreja com uma senhora e ido embora, abandonando-a. Quando ele se envolveu com um rapaz que havia roubado pão na padaria e foi noticiado na televisão em rede nacional, a esposa anterior soube como encontrá-lo, e assim apareceu e destruiu o castelo de sonhos de Tancinha. Ela, que desde criança sempre havia sonhado em ter uma família, filhos e cachorros. O sonho de criança havia acabado com a descoberta feita pela primeira esposa. Ele comentou que já havia conversado com o genro, o Senhor Carlinhos, que ele se mostrava muito arrependido e queria a esposa de volta.

— Senhor Ptolomeu, me desculpe, mas ele não merece perdão. Ele devia ter conversado e contado para Tancinha sobre a esposa anterior. Deveria ter resolvido a vida dele com ela, para só então começar uma vida com Tancinha.

— Eu concordo plenamente com você, mas infelizmente a vida não é assim. As pessoas erram, Mariazinha.

— Erram feio. Muito feio. Se o senhor me permite dizer, os homens, principalmente.

— Aprenda uma coisa, Mariazinha. Na vida, as pessoas erram, o feio não é errar, e sim permanecer no erro. Você lembra da lição passada que foi ministrada na igreja, no domingo?

— Lembro. Por quê? — Já vinha ele querer puxar minha orelha.

— Do que tratava?

— Lembro vagamente, mas falava sobre a mulher adúltera. Que ela pecou, e os fariseus e escribas a levaram para ver o que Cristo falava sobre ela — falei rapidamente, demonstrando não querer me prolongar no assunto que havia sido tratado lá, mas foi em vão, porque ele continuou.

— Sim. Você lembra o que Jesus disse a eles?

— Lembro: “Aquele que dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar a pedra”. Mas isso não vem ao caso aqui.

— Mariazinha, não há homem bom sobre a Terra, que faça o bem e que não peque. Assim, todos nós somos pecadores. Pelos nossos atos, todos estaríamos fadados a perder a salvação. Porque Cristo veio a este mundo e se fez sacrifício naquela cruz é que eu e você podemos ser salvos.

— Eu sei, mas os pecados deles são maiores que os meus. Como o senhor pode querer compará-los a nós?

— Calma! Olha, Mariazinha, o que Cristo disse depois que ninguém atirou pedra na mulher, já que todos tinham pecado?

— Perguntou onde estavam os acusadores dela, e se ninguém a havia condenado.

— Sim, mas qual a lição que Jesus deu para ela que serve para nós?

— Vai e não peques mais.

— Agora eu te pergunto. Se alguém tem um erro, se arrepende e diz que não irá mais cometê-lo, essa pessoa não merece perdão?

— Você está falando do meu João ou do marido da sua filha?

— Deles e de qualquer pessoa que erra, pede perdão e promete que não vai mais cometer o erro.

— Senhor Ptolomeu, eu amo muito o senhor e sua família, mas sobre o perdão que o João me pediu, eu não vou dar. Ele não merece o meu perdão! Vou conversar com sua filha, mas não me peça para pedir para ela perdoar o marido. Se eu não perdoei o meu, não vou incentivar ninguém a perdoar o seu. Mas não se preocupe, eu não inflamarei o coração dela contra o marido.

— Temos que ser nova criatura, Mariazinha, deixar as coisas velhas no passado e viver o bom que Cristo tem para nós. Como você vai conseguir ser verdadeiramente feliz se você tem tanto ódio no seu coração? Perdoe o João, não para tê-lo de volta, mas para que seu coração seja limpo do ódio e da dor. Tê-lo de volta, como dizem por aí, é outra história. Mas o seu coração tem que estar limpo de toda essa raiva, só assim, você será novamente feliz. A paz de coração é o nosso maior bem, perdoe ele e fique livre desse mal-estar em seu coração.

Acredito que ele estava certo, que eu deveria perdoar o João para poder ter paz no coração. Assim, eu até poderia encontrar um outro alguém e tentar ser feliz no amor novamente. Mas eu não consigo, só penso no João e, quando lembro do que ele fez com nossas vidas, meu coração se enche de ódio. Não há lugar para outro alguém nem para perdão para o João em mim.

— Senhor Ptolomeu, eu não quero falar sobre isso agora. Depois volto para tentar conversar com sua filha.

E foi assim por muitos dias. Tancinha ficava trancada no quarto sem querer receber ninguém, até que um dia eu cheguei, e ela estava na sala de jantar a olhar para um prato com um pouco de comida.

— Oi, você dever ser a Tancinha. — Ela olhou para mim e baixou a

cabeça novamente. — Eu vim ver você durante muitos dias, mas não consegui encontrá-la aqui fora. Ainda bem que hoje eu te encontrei. — Ela ficou olhando para o prato, com a colher na mão, e ficou remexendo o pouco de comida que tinha ali. — Pelo menos você já comeu um pouco.

Ela virou o rosto e ficou olhando algumas fotos da família que estavam na estante ao lado. Algumas delas, com o marido. No entanto, permanecia em silêncio.

— Eu fui traída pelo meu marido também — disse eu —, faz treze anos. Na época, nós tínhamos apenas vinte e dois anos. Estávamos casados fazia uns três anos. Vivíamos um casamento feliz. Para piorar a traição, a amante era minha amiga. O marido dela descobriu, foi até eles, tentando defender a honra, atacou o meu com uma arma. Eles brigaram. A arma disparou. O homem morreu, e meu marido foi preso. Eu vim embora para Orlando do Sul. Ele já deve até ter sido solto.

Ela riu e disse:

— É..., sua desgraça é pior que a minha.

— É o que parece, mas eu sobrevivi e sobrevivo aos meus problemas.

— Orlando do Sul é o amparo das mulheres traídas?

— Quem sabe. O que sei, é que eu me reconstruí aqui.

— Você encontrou outra pessoa?

— Não. E nem quero. Desconfio que ainda amo aquele bandido, mas não vamos falar da minha história. Eu ainda tenho muito rancor, e não é bom para você ficar ouvindo.

— Pensa em voltar para ele?

— Eu nem sei onde ele está. Fui embora quando ele foi preso e pedi para ele nunca aparecer na minha frente, porque não sabia o que ia fazer com ele.

— Matá-lo?

Eu ri um pouco da pergunta e disse:

— Mais fácil amá-lo. A dor da traição ainda está latente em mim, mas se ele me pedisse perdão hoje... eu não sei como reagiria. Por isso que eu prefiro que ele esteja bem longe de mim. Porque, de que adianta voltar, se eu não o perdooi? Que vida teríamos?

— Tem filhos?

— Sim, duas princesas.

— Você é a Mariazinha, não é?

— Sou.

— Meus pais sempre falam muito de você. Estranho a gente nunca ter se encontrado. Suas filhas perguntam pelo pai?

Ela não olhava para mim, falava ainda remexendo no prato com a colher, com um olhar triste e distante, apesar de fixo no prato.

— Sim, mas eu disse que ele pegou perpétua.

— Perpétua? Eu sei que não existe no Brasil.

— Eu e você, mas elas até agora estão acreditando.

Tancinha ficou, um pouco, em silêncio.

— Carlinhos me contou que não se dava bem com a primeira esposa. Que amava muito os filhos, mas que a convivência com ela estava insuportável. Ela não o amava mais, que só estava com ele por conta dos filhos. Quando ele a abandonou, deixou para ela um comércio bem estruturado, que ainda hoje rende bons lucros para ela e os filhos. Ele não os deixou desamparados como ela quis dar a entender para mim. Mas me pergunto se os filhos do meu marido também sentem falta dele.

— Devem sentir. Afinal, ele é o pai.

— Será que é castigo, eu não engravidar?

— Claro que não! Não pense isto. Acredito que tudo na vida tem um tempo certo. E o seu momento de engravidar vai chegar.

Ficamos horas conversando, e ali começou a ser plantada a semente da nossa amizade. Dois corações doridos pela mesma causa: traição.

Tancinha

Amizade é um bem raro

Tento recapitular na minha existência. Algo de muito errado que eu tenha feito para ter como consequência ou castigo o que eu estou vivendo, pois minha situação, hoje, me faz crer que, em algum momento, eu tive alguma atitude muito errada, mas vasculho nas minhas lembranças e não encontro nada substancial e concreto. Por quê? Porque eu tinha uma família quase perfeita e perdi. Um marido maravilhoso, que apesar de ser um pouco turrão em alguns momentos, me tratava como uma princesa.

A vida está longe do nosso controle. Os acontecimentos aparecem sem pedir licença. Sábios são os que sabem surfar em meio às tempestades. Eu ainda estou aprendendo. Afinal, nós é que temos que nos adaptar ao novo. Porque, a nossa vida, leitor, pode mudar a qualquer momento. Entre um tique-taque e outro do relógio, muita coisa pode acontecer, com consequências pequenas a desastrosas.

Logo que deixei minha casa, meu marido Carlinhos e meus sonhos em São Felinto e fui morar com meus pais em Orlando do Sul, conheci Mariazinha. Logo nos identificamos. Ela me relatou do seu passado. Descobri que, como eu, ela havia sido traída pelo marido. Ficamos amigas. Com o passar dos dias, eu comecei a sentir enjoos, vômitos e muita sonolência. Eu fiquei desesperada. Meus pais tinham recebido a filha separada do marido e, agora, além desse desastroso detalhe, eu estava doente.

Mariazinha disse-me que já desconfiava o que eu tinha, mas que eu deveria ir ao médico e me acompanhou. Quando chegamos, ficamos um tempo aguardando e entramos. Quando entrei e vi a médica, eu estranhei. Ela teve que sair, e eu disse a Mariazinha:

- Não gostei dessa médica. Vamos procurar outro.
- Mas por quê? Ela ainda nem começou a te examinar.
- Acredito que a primeira impressão que temos de um médico, ou de qualquer profissional, é algo muito importante. Ele tem que passar confiança e segurança. Esta médica não me passou...
- Eu não estou ouvindo isto de você, Tancinha.
- Ouvindo o quê?

— Vou ser mais clara. Me dê um só motivo para não ser atendida por ela.

— Não sei. Algo me incomodou ao entrar aqui.

— Ela nos atendeu muito bem e disse que tinha que sair. Não tem como você ter uma análise prévia através de um contato tão curto. Ela foi muito gentil.

— Eu não sei dizer o que eu não gostei. Só um leve mal-estar.

— Só espero que não seja o fato de ser uma médica negra. Você bem sabe que cor da pele não define caráter, muito menos competência no que se faz. E apesar da minha cor não ser tão escura, você teve, ao me conhecer, algum preconceito também?

— Você não é negra.

— Não estou acreditando! Eu posso ter essa pele um pouco mais clara, ter o cabelo assim mais para o liso, mas meu bisavô era negro. Eu sou descendente de negro com muito orgulho! — Ela disse-me essas palavras e bateu a mão no peito do lado do coração.

Eu parei um pouco. Será, meu Deus, que eu estava sendo simplesmente preconceituosa? Racista? Eu nunca me vi como uma pessoa assim. Sabe quando você precisa de um lugar para se esconder de todos e de você mesmo? Era assim que eu estava me sentindo. Vontade de sair correndo dali. A médica retornou, e não tive como não passar a sensação de constrangimento. De vergonha mesmo, porque realmente não havia nenhum motivo para eu não querer ser atendida por ela. Ela era realmente gentil.

— Senhoras, me desculpem a saída. Mas vamos, o que as trouxe aqui?

— Sou eu.

— Algum problema, Senhora Tancinha Cipriano? — Ela olhou meu nome na ficha que segurava.

— Desculpe, Doutora. É que às vezes, na vida, a gente percebe que comete erros que não queríamos cometer. Às vezes, somos nós os autores do que nos indignamos quando feito pelos outros.

— Do que exatamente a senhora está falando? — Ela indagou-me sem entender o que eu estava falando. Eu falando do meu constrangimento, e ela simplesmente estava perguntando o que tinha me levado ao consultório.

— Nada, Doutora, só me desculpe. Pode continuar com o

atendimento.

— Seja o que for, está desculpada. Diga-me o que a trouxe aqui.

Eu expliquei para ela que estava sentindo enjoos, tendo vômitos e que andava muito sonolenta. Ela me perguntou sobre minha menstruação. Eu realmente não me lembrava quando tinha sido o último mês. Minha vida estava tão atribulada, que eu não tinha tempo para pensar nessas coisas. Sem contar que eu sempre tive dificuldade de engravidar e que a falta de menstruação me traria era preocupação, pois poderia ser outra causa. Ela passou uns exames me entregou os pedidos e disse-me:

— A senhora fez o exame da farmácia?

— Exame?

— Sim. Aquele que é vendido na farmácia.

— Exame para quê?

Ela riu discretamente.

— Exame de gravidez. Não é um exame normal quando a menstruação atrasa?

— Não, doutora... Calma... É... — Fiquei um pouco atordoada com a pergunta dela e com a insinuação. Fiquei em silêncio, olhando para uma janela lateral que havia no consultório. Não tinha passado pela minha cabeça a possibilidade de estar grávida. Desde que havíamos nos casado, eu e meu marido estávamos tentando sem sucesso.

— Faça o exame, Senhora Tancinha; com o resultado, me traga. Acredito que vamos confirmar minha suspeita. Peço que me desculpe a indiscrição, mas a senhora tem algum parentesco com a Victória Cipriano, a médica pediátrica que atende em Belos Montes?

— Casada com o Senhor Heitor?

— Não sei o nome do marido dela, mas ela, no início da profissão, atendia em São Felinto.

— Acredito que seja ela mesma, médica, com esse nome e sobrenome. Ela é casada com o Heitor, ele é primo do meu marido ou ex-marido... — Parei um pouco, e enchi os olhos de lágrimas, era nosso sonho, a gravidez, e quando ela talvez tivesse chegado nós estávamos separados, limpei as lágrimas que teimosamente caíam e a indaguei. — Mas de onde surgiu esta pergunta, doutora?

— Desculpe, Senhora Tancinha. Quando eu saí do consultório, me disseram que talvez fosse sua parente. Aqui todos já sabem que eu tenho um enorme apreço por ela, não canso de falar esse sobrenome. Eu estava esperando a seleção de uma pesquisa que eu vou fazer em Harvard, e a Victória foi quem convenceu a minha mãe, quando eu ainda era criança, a me apoiar a ser médica, gostaria muito de contar a ela que recebi esse apoio e aqui estou.

— Não costumamos ter muito contato, mas ela é uma pessoa muito especial. Como foi isso, a senhora pode contar?

— Claro! Quando eu era criança, eu já sonhava em ser médica, mas minha mãe, por conta da nossa cor, ficava dizendo que eu não poderia ser. Um tal de carma de Zé Pretinho, o qual afirma que o afrodescendente tem que ficar no seu canto, caso contrário, o homem branco irá colocá-lo no seu devido lugar. Coisas do racismo e preconceito do nosso Brasil, que ainda está muito enraizado. Infelizmente. Eu sei que eu estava doentinha, e minha mãe me levou para consulta. Lá, contei para a Victória o meu sonho de ser médica. Foi ela quem mostrou para minha mãe que a cor da pele não define quem somos. Que todos podemos lutar pelos nossos sonhos. A cor da pele é um detalhe, o que realmente importa é a nossa força de vontade, nossa coragem e o que nós pretendemos alcançar. É escolher o que queremos ser e lutar para alcançar. Problemas todos temos, mas quando o coração é quem nos move, de alguma forma alcançaremos o que desejamos.

— Que lindo, doutora! Desejo muita sorte nesse projeto em Harvard, e procure a Victória antes de ir. Ela ficará muito feliz em ter contribuído de alguma forma para seu sucesso. Me dê um papel para eu anotar o contato da casa deles.

Fui embora daquele consultório com um tapa bem na cara. Quantas vezes eu havia dito em alto e bom som que não era preconceituosa, mas tinha pensado em desistir da médica pelo simples fato de ela ser negra. Sabe no inconsciente? Ao menos, eu percebi este meu defeito e vou tentar corrigi-lo. Eu irei. Cor da pele não é parâmetro para definir caráter.

João

O Canto do Sabiá

Acredito que sou um homem transformado. Quando fui para a prisão, abandonei todos os contatos que obtive no curto tempo que tentei vender drogas. Alguns me procuraram depois da minha primeira prisão, tentando me convencer a voltar, mas eu não me envolvo mais com nada ilícito. Vendi drogas pensando em subir mais rápido na vida. Censurável, eu sei. Coisas de uma mente jovem. No entanto, desse sonho de subir na vida praticando esse crime, eu desisti. Sabe aquela história sobre o confessar o erro e não praticá-lo mais? Eu estou nessa fase da minha vida. Afirmo e reafirmo que a dor que passei sendo preso duas vezes eu não quero nunca, nunca mais passar na vida.

Apesar de acreditar que agi em legítima defesa, todos sempre argumentaram que ele, o marido traído, estava a defender a honra. O que sei é que ele era de uma das famílias mais ricas de São Julião da Pedra. O processo correu muito rápido, e logo eu fui condenado a seis anos de prisão. Eu, um pobre proletário, que fiz algo errado e paguei, porém, hoje, minha conta está quitada com a sociedade.

Depois de todo o sofrimento que passei, e de amargar na prisão a espera da tão sonhada liberdade, e do desalento de ser preso novamente por uma calúnia vinda de alguém que eu considerava um amigo. As incertezas que os primeiros dias após a minha libertação me trouxeram, o encontrar alguém que acreditou em mim e me ajudou a me reerguer, fazem-me ter a certeza de que, apesar de o mundo ser cruel, de ter muitas pessoas que não são confiáveis, de ter pessoas que, com a boca são amigas, mas com as atitudes são tuas piores inimigas; apesar de todo o mal que assola o mundo, ainda há esperança, pois há pessoas boas, há seres humanos que, de tão especiais, deveriam ser chamados de anjos, pois ajudam o próximo sem pedir nada em troca, tirando-nos da lama, fazendo-nos acreditar que a raça humana tem, sim, pessoas que fazem jus à imagem e semelhança com o Criador.

Deus permite o mal, mas Deus é onipresente, onisciente e onipotente. Todo ser humano há de prestar contas dos seus atos, seja aqui ou na era vindoura. Eu só tenho a agradecer, porque, apesar dos erros que cometi, eu tive pessoas que me estenderam a mão e me ajudaram a levantar. Deus usa seus filhos para se fazerem de anjos e ajudarem seus outros filhos. Sou grato. Hoje posso dizer isso.

Em meio a toda a minha gratidão, eu espero um dia poder ser grato tendo minha amada esposa de volta. Aquela a quem eu havia prometido ser fiel, amar e respeitar, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, por todos os dias da minha vida, até que a morte nos separasse.

Sei que quem quebrou a aliança fui eu, mas daria tudo para conseguir restabelecer este vínculo. Queria apenas encontrar o meu amor, minha Mariazinha. Fico a imaginar como ela deve estar; se encontrou um novo amor; como estariam minhas filhas. Não tive notícias delas desde a minha primeira prisão. Levamos a vida do jeito que queremos, nos esquecendo que ela sempre cobra o preço. Se fizemos o bem, somos abençoados de alguma forma, mesmo com as aflições próprias da vida. O bem sempre chega para quem o pratica, é no que acredito. No entanto, o mal também. Eu paguei um preço muito alto pelos meus inúmeros erros. O preço foi perder as pessoas que mais amo nesta vida.

Como disse, apesar da aflição que vivo sem as três mulheres da minha vida, esposa e filhas, hoje eu tenho um pouco de alegria. Cresceu na minha horta um lindo jardim. Sim. Eu posso dizer que estou feliz com minha vida. Errar, reconhecer e viver sem praticar crimes traz sim um pouco de alegria para a vida. O bem que praticamos acaba voltando para nós.

Como comentei lá no início, quando narrei sobre “enfim, a liberdade”, eu continuei trabalhando no restaurante e cantando de vez em quando para alegrar os clientes. Hoje, vivo de cantar. Quem sabe um dia meu canto voe tão alto que chegue ao coração de Mariazinha, e ela possa me perdoar.

Sempre quis ser cantor. Cantar e encantar os corações com minha poesia. Eu escrevi algumas canções, a mais especial é para meu amor. Eu e Heitor continuamos muitos amigos. Ele foi como um pai para mim, mas acabei deixando a construtora. Lá, trabalhei por quatro anos, o último ano, fiquei também no restaurante. Após, fiquei trabalhando durante o dia no restaurante e às noites, fazia shows ali mesmo. Aos poucos, foram surgindo convites para cantar em outros lugares.

Com dois anos que estava no restaurante, fui me tornando conhecido na cidade de São Felinto, na região de Belos Montes e até mesmo em São Julião da Pedra. Lembrando que São Julião da Pedra era a cidade que eu havia morado com minha família. Os pais dela e os irmãos ainda moravam lá. No entanto, nas vezes em que fui até a cidade, eu não tive a audácia de procurá-los para saber sobre o paradeiro delas. Não me sinto no direito de procurá-las, pois acredito que elas não queiram mais contato comigo.

No auge dos meus trinta e cinco anos, eu era conhecido pelo nome artístico de Sabiá do Amor. Diferentemente de como eu era conhecido em São Julião da Pedra: João Ferreira. Eu não queria que as pessoas lembrassem e me reconhecessem. Já havia passado muitos anos, mesmo assim, eu não queria que fizessem associação do novo João, cantor, ao antigo João Ferreira que havia cometido um crime, sido sentenciado, condenado e preso. Paguei o preço que o juiz determinou, agora sou livre como passarinho, por isso eu não quero que esta mancha fique na memória das pessoas ao me verem cantar.

Heitor

Eu e Carlinhos: Amizade

A infância é uma fase maravilhosa! Já comentei anteriormente sobre como foi um pouco da minha experiência. Não sei se você, leitor, cresceu no campo, porque eu passei boa parte da minha infância no interior. As férias de fim de ano eram maravilhosas, regadas ao bom cheiro da fazenda do meu avô. O acordar com o galo cantando, o canto dos passarinhos, o deixar a porta da frente aberta, o brincar no quintal, subir em árvores, comer a fruta tirada do pé, banhar no riacho, entre outras peculiaridades que só conhece quem viveu no interior.

Quando criança, eu usava baladeira. Para quem não sabe do que se trata, é um objeto feito para matar passarinhos. Triste, eu sei. Hoje me arrependo muito de ter cometido tal atrocidade, mas infelizmente, na época, era algo corriqueiro que todos os moleques faziam. No entanto, algo que é feito pela maioria, não significa algo correto de ser feito. Tanto, que foi isso que ensinei ao meu filho, e o moleque, hoje já homem, nunca foi atrás da multidão, sempre trilhou seu próprio caminho.

Interessante que, de todos os meus primos, o Carlinhos era o mais distante. Eu e ele disputávamos a atenção do nosso avô. Não era algo planejado, mas algo que acontecia naturalmente. Tínhamos praticamente a mesma idade, andávamos juntos, mas não nutríamos uma amizade. Algo que, na adolescência, mudou. Nos aproximamos muito. Ficamos confidentes e falávamos dos sonhos e das namoradas. Eu o aconselhei muito a falar sobre a anterior esposa com Tancinha, mas ele sempre preferiu esconder esse passado. Concordo que ele não se dava bem com a anterior esposa, que ela dificultava o relacionamento dele com os filhos. Assim, pensava que o distanciamento era melhor para as crianças, por estarem longe de confusões. No entanto, ele simplesmente sumiu da vida deles sem se despedir. Apesar de ter deixado eles amparados, acredito que foi um erro o distanciamento. Às vezes, erra-se tentando acertar. Na realidade, não foi justo com eles nem com Tancinha, esconder esta parte de sua vida.

A campainha tocou e fui abrir. Quem estava a me procurar era meu querido primo. Ele estava desolado e com a aparência cansada. Perguntei-lhe o que havia acontecido. Foi quando me explicou que a esposa havia saído de casa já fazia uns três meses. Falei que devia ter me procurado antes, mas

percebi que, pela vergonha, ele não me procurou. Disse-me que, quando Tancinha descobriu que ele tinha se casado anteriormente, com outra, na igreja, se sentiu traída. Disse-lhe que ela estava com a razão, eu já o havia alertado para procurar a anterior e resolver a situação. No entanto, depois que o mal já está feito, o que resta é assumir e tentar corrigir. Eu e Victória fizemos de tudo para animá-lo. Ele disse que queria passar uns dias na fazenda para acalmar o juízo e decidir o que fazer.

Numa noite de lua, resolvi fazer uma fogueira e chamar João para vir nos visitar, quem sabe trazer o violão e alegrar a noite. Não dizem que, quem canta, os males espanta? Era isso que eu queria; que meu primo espantasse todo o mal do coração e fosse em busca da sua amada. Meu amigo João veio. Quando ele chegou, apresentei-lhe o Carlinhos. Informei que ele era meu primo, mas era tão próximo que era quase um irmão. Até chamava Victória, carinhosamente, de cunhadinha. Foram momentos de muita alegria. Foi numa dessas canções, que ele decidiu nos mostrar a música que havia feito para sua amada. Achei muito bonita, e até estranhei ele nunca ter nos mostrado.

— João, você devia cantar essa música para minha Tancinha. Aí eu faria o pedido de desculpas e ela me aceitaria de volta.

— Meu primo, acho que você bebeu demais.

— Eu estou falando com o João, Heitor.

— Parece que ele está mesmo, Seu Heitor — disse João, concordando comigo.

— Vocês estão brincando comigo? Victória! Victória. Menino, vai chamar a Victória! — Ele apontou para o filho do caseiro que estava ali a ouvir o João cantar também.

Carlinhos estava realmente embriagado.

— Quem está me chamando?

— Sou eu, cunhadinha. O João não quer ir para Orlando do Sul me ajudar a reconquistar a minha amada Tancinha.

— Heitor e João, levem juntos o Carlinhos para Orlando do Sul — disse minha amada, apontando o dedo e depois, fazendo um coração com as duas mãos; ela percebeu que Carlinhos estava embriagado e entrou na onda do primo.

— Claro, meu bem, se o João aceitar, eu levo todos para Orlando do Sul. Aceita, João?

— Não. Desculpem, mas acho um pouco desconcertante cantar para outra mulher a música que eu fiz para Mariazinha, até poderia, para ajudar um amigo. Contudo, tem outro porém, eu não gosto muito de Orlando do Sul, minhas filhas chamavam de Disneylândia do Brasil, e gostavam de ir muito para lá. Essa cidade só me lembra elas... Eu já sofro muito sem tê-las... E ir para essa cidade não me fará bem. Já tenho que suportar por conta dos contratos ir para São Julião da Pedra que é onde morávamos.

— Você já cantou em Orlando do Sul, rapaz?

— Não, Senhor Carlinhos.

— Então, rapaz, aproveite a oportunidade de mostrar sua arte lá. Já pensou? Você levará seu canto... O canto do sabiá que sabia cantar. — Gargalhou. Ao perceber que não havia sido acompanhado nas risadas, ele parou, olhou para todos bem sério e disse. — Vocês não riram da piada.

— Que piada, primo? Acho melhor você ir deitar. Amanhã conversamos melhor com o João. — Carlinhos levantou resmungando e foi para o quarto. — João, se você quiser, fique aqui ou vá também para seu quarto, fique à vontade. Eu vou curtir um pouco, ali na varanda, o meu amor.

Na manhã seguinte, todos estávamos à mesa tomando café. Estávamos todos fazendo planos para o dia. Combinamos de ir curtir um pouco a fazenda, tudo tentando animar um pouco Carlinhos. Contudo, ele amanheceu com uma ressaca e ficou na mesa o tempo todo calado. Foi quando soltou algo que eu não gostei muito:

— E aí, João? O que decidiu sobre a ida para Orlando do Sul?

— Desculpe, Senhor Carlinhos, mas não pretendo acompanhá-los.

— Não pretende? Nem mesmo sendo um pedido do Heitor? — Carlinhos apontou o dedo para mim. João estava de cabeça baixa, olhando para o café que, de tão quente, soltava ainda o vapor.

— O pedido é do senhor.

— Eu sei, mas eu sou primo do Heitor. Ele ajudou muito você. O que custa ir conosco e fazer uma serenata para minha esposa? Muita ingratidão!

— Ingratidão comigo? Calma, Carlinhos. Eu tenho uma amizade com o João. Ele só vai, se sentir a vontade de ir — disse, tentando acalmar os ânimos.

— Ingrato você também, Heitor. Tudo que eu já fiz por você...

— Fez por mim?

— Sim. Eu fiz... Fiz alguma coisa aí... Não estou lembrando agora, mas eu já devo ter feito.

— Ainda tá bêbado, primo?

— Estou desesperado mesmo. Desculpe-me, João, eu nem sei se sua música faria a Tancinha me perdoar. Eu só não sei o que fazer. Eu sou um grosso mesmo... Só faço besteira!

— Também não precisa exagerar, primo. Você erra, mas não é tanto assim.

— Chuta! Chuta cachorro morto! Deixa quieto, quando a Victória descobrir aquele teu segredo... — Ele levantou a mão direita e a jogou por cima do ombro, demonstrando algo do passado.

— Do que vocês estão falando? — perguntou Victória já desconfiada.

Carlinhos gargalhou antes de zombar.

— Mulher sai do normal logo... — disse Carlinhos, em tom de fazer graça.

— Fala, Carlinhos, até eu estou querendo saber o que eu escondi da minha esposa — falei sem realmente entender onde meu primo estava querendo chegar.

— Esconde nada não. — Gargalhou novamente. — Eu estou brincando... Só para descontrair.

— Descontraí, Carlinhos? — disse Victória em tom de desaprovação.

— Desculpa, cunhadinha do coração. Acho que eu ainda estou é bêbado.

— Você está um pouco desagradável hoje, me desculpe. — Meu primo tinha conseguido irritar Victória. Poucas vezes, a vi falar daquele jeito com alguém.

— Eita, cunhadinha, não chuta cachorro morto também não. Eu só estou muito triste porque não sei o que fazer para ter minha Tancinha de volta. Na verdade, nem sei se mereço o amor dela de volta. Ela já deve ter é arrumado um outro qualquer, que deve tá oferecendo a ela toda a sinceridade e honestidade que eu não soube dar. Não valorizei a mulher que eu tinha. Nova e bonita. Quero saber o que o velho quer com mulher nova. Hum... Precisa não, João, deixe a sua música para cantar para a sua amada mesmo.

Eu não mereço. Mereço a tristeza da solidão. Quem mandou mentir para a mulher que amo? Burro, burro... — repetia, esmurrando a cabeça.

— Calma!

— João, é muito fácil, para você, falar calma.

— Para mim?

— Sim... Aí, no auge dos trinta e poucos anos..., cantor..., conquistando um monte de mulher... Porque todo mundo sabe que violão atrai mulher, e, oh!, como atrai... — Ele fez o sinal de muito com a mão, apertando a ponta de todos os dedos, unindo-os.

— Só tenho pensamentos para minha Mariazinha.

— E eu para minha Tancinha. Se você ama tanto assim a sua ex, por que não me ajuda a reatar com a minha?

— O que isso me traria de bom?

— Ajudar um casal apaixonado a reatar. Vai que os céus se compadecem e te dão a tua Mariazinha de volta. Quem ajuda o outro é abençoado.

— Desculpem-me, mas eu tenho que ir. — João se levantou e saiu. Foi quando eu disse para meu primo.

— Carlinhos, vamos eu, você e Victória, na quarta, para Orlando do Sul. Lá, você contrata algum cantor e faz uma serenata para ela.

Foi quando Victória interveio.

— Não sou contra essa serenata que vocês querem fazer, mas acredito que só uma música não fará a Tancinha voltar com você. É romântico? É, mas eu acredito que você tem que preparar um bom pedido de desculpas para sua esposa.

Heitor

O plano para reconquistar Tancinha

Ficamos o dia descansando na fazenda, eu e Victória. Já Carlinhos passou o dia na varanda, escrevendo as palavras que deveria dizer para Tancinha no seu pedido de desculpas. Assim, se seguiram os demais dias. O plano proposto por ele era que chegássemos em Orlando do Sul, e logo contrataria um cantor para fazer uma serenata em frente à casa da Tancinha. Quando ela aparecesse, ele falaria as palavras que já havia escrito e decorado.

Os dias passaram rápidos, e logo era quarta-feira. Estávamos na fazenda preparando o carro para viagem quando João apareceu.

— Bom dia!

Todos respondemos ao bom dia, menos Carlinhos que falou:

— Chegou o homem que canta para encantar os corações, mas não quer cantar para minha princesa me perdoar.

— Senhor Heitor, o seu primo está poeta. Acredito que não precise mais da minha ajuda.

— João, ele escreveu um pedido de desculpas para Tancinha, mas não deixou ninguém ler. E você, resolveu acompanhar-nos?

— Acredito que sim.

— O que fez você mudar de ideia?

— Eu tive um sonho. Eu estava cantando na frente da casa da Tancinha, e quem saía era a Mariazinha. Acredito que deva ser um sinal de que eu devo ajudar o seu primo. E lembrei do dizer de um sábio: “Se você puder reconstruir um amor com seu dom, faça! Mesmo que o amor não seja o seu”.

— Quem é este sábio, João? — indagou-lhe Victória, que estava chegando ao carro.

— Sou eu mesmo. — Todos riram e João explicou: — Acredito que minha música pode amolecer o coração da bela Tancinha e trazê-la para os braços do meu, agora, amigo, Senhor Carlinhos. Porque eu sei que, se minha amada a ouvisse, cairia em meus braços. Assim, eu cedo minha canção para

que a amada do meu novo amigo caia em seus braços.

Eles, Carlinhos e João, apertaram as mãos selando o compromisso.

João

A viagem para Orlando do Sul

Eu estava relutante em ir para Orlando do Sul, mas passei a manhã pensando no sonho que eu tinha tido na noite anterior. Analisei a minha situação, e como seria bom que alguém fizesse algo que ajudasse a mim e ao meu amor a fazermos as pazes. Foi assim que cheguei à conclusão de que ajudar um amigo a reconquistar a esposa, de alguma forma iria acalantar meu coração: um homem a menos sofrendo por amor.

Logo que chegamos à cidade, pensei numa forma mais romântica, mudei os planos do Senhor Carlinhos e pedi que ele seguisse os meus. Dona Victória foi até a casa de Tancinha. Chegando lá, Tancinha a levou até o hospital para ver uma médica. Nesse encontro, Victória disse que não conseguiu conversar com ela. Só nos disse como foi maravilhoso encontrar com essa médica que tinha sido sua paciente quando ela começou a medicar em São Felinto. A felicidade tinha sido tamanha, que não se lembrou de sua missão. Ah! Esqueci de informá-lo, leitor, que demos o nome da viagem de Missão do Amor.

No dia seguinte, Dona Victória foi novamente à casa de Tancinha e a chamou para tomar um café. Passaram a tarde conversando, até que Dona Victória chegou no hotel.

Estávamos eu e os senhores Heitor e Carlinhos aguardando Dona Victória chegar, ansiosos. Ela começou a relatar:

— Quando cheguei na casa de Tancinha, ela estava com uma amiga no jardim, conversando. Eu convidei as duas para irmos num café próximo. Fomos as três. Ao chegarmos lá, conversamos sobre diversos assuntos. O problema foi a amiga dela, Maria, que, infelizmente, também sofreu com a traição do marido e complicou um pouco a minha conversa com Tancinha. Essa amiga é dona de uma boutique muito famosa aqui na região. Até combinei de passar lá depois. — Ela nos olhou e percebeu que não era do nosso interesse o assunto da amiga de Tancinha. — Esperei o momento certo e comentei que Carlinhos queria muito se encontrar com ela para conversarem. Tancinha veio com um papo que estava gorda, e a amiga disse “dar ouvidos para traidor é pedir para ser traída novamente”.

— Eita, Senhor Carlinhos, parece que o problema vai ser dobrar a

amiga, e não a sua senhora.

Todos riram. Ele, acredito, que de nervoso. Dona Victória continuou:

— Eu disse para Tancinha que ela só precisava ouvi-lo. Ela me disse que pensaria e depois me falaria. Eu comentei que o Carlinhos já estava na cidade, somente aguardando o momento de ir falar com ela. Ela ficou muito relutante, e eu chamei para jantarmos hoje à noite. Só não gostei muito, porque a amiga parece que vai também. Apesar de uma boa companhia, não se cansava de dizer que todo homem trai. Que nenhum é correto. Que o dela mesmo a traía demais, até com uma amiga, que a deixou com duas filhas para criar sozinha.

Foi quando eu tive a ideia de marcarmos no dia seguinte. Assim, talvez a amiga desistisse de ir. Dona Victória ligou para Tancinha e marcou com ela no dia seguinte, à noite. Saímos do hotel e fomos até o restaurante e combinamos com o dono para que eu cantasse duas horas de cortesia para seus clientes. Eu disse que estava na cidade divulgando meu trabalho, e ele aceitou.

Assim ficou combinado.

No dia seguinte, quando chegamos ao restaurante, eu fui logo para o palco me preparar para cantar.

Victória e Paulina da Paz, a médica

— É você, menina?

— Sim, sou eu.

Elas se olharam por alguns segundos como se estivessem realmente de volta ao passado.

— Como você cresceu! — Os olhos de Victória olharam com ternura e amor para aquela menininha que agora era uma mulher.

— Obrigada! — Um obrigada cheio de amor e de agradecimento que somente as pessoas que têm sua vida mudada por alguém em algum momento têm o poder de doar com o olhar.

— Que linda mulher você se tornou!

— Você é sempre muito gentil.

Elas se abraçaram por alguns minutos, até que Paulina falou em volta de lágrimas que caíam sem parar.

— E eu alcancei o que eu sempre sonhei. Muito obrigada por fazer minha mãe mudar de opinião e investir na minha educação, na minha vida e em mim... Nos meus sonhos..., nos meus desejos de menina.

— O que você alcançou é mérito seu. Você que lutou, você que abdicou do que foi preciso para estar neste momento da sua vida. Foi você que conquistou.

— Mas se até os grandes mestres têm, em seus alicerces, outros maiores dos que eles... quanto mais eu.

— Vá e mostre que os aprendizes podem ser muito maiores do que seus mestres. E onde eu fui um mestre para você, pequena?

— Quando me ensinou que eu poderia ser o que eu quisesse. Quando me mostrou, em menos de uma hora, que eu era capaz de ser, de fazer, de crescer e de conquistar tudo que meu coraçãozinho podia sonhar... Apesar da minha cor.

— E que cor linda que você tem. Mostre ao mundo que ela é apenas um detalhe, mas que ela também é algo que te dá força e te faz ser esta bela mulher que você se tornou. Conquiste o mundo, pequena, que eu estarei aqui

sempre para te aplaudir de pé.

Caro leitor, esta cena não tem espaço, pois ela representa todos os espaços do mundo, no qual qualquer ser humano, independentemente de raça, cor, sexo, idade ou origem, possa estar. Ela representa que qualquer um pode, sim, lutar pelos seus sonhos; pode, sim, ser capaz de alcançar o que ninguém antes imaginou. Seja você a prova viva de que nada nem ninguém é menor do que o outro. A vida muda quando você percebe que o simples fato de querer, de lutar, de abdicar, de sofrer, de cair, de levantar são apenas etapas para você alcançar seus sonhos. Uma luta só é vencida quando você está pronto para lutar. Suba ao ringe, deixe na arquibancada quem não quer suar para vida. Lembre-se: você precisa estar no páreo para conseguir.

O tempo é algo que não podemos moldar. No entanto, nunca é cedo demais e nunca é tarde demais para quem quer alcançar os seus objetivos.

Você é capaz, independentemente do que o outro possa pensar. Sua capacidade não depende do que os outros falam. Tudo começa pelo primeiro passo, erga a cabeça, acredite e siga seu caminho.

Mariazinha

Amigas

Era uma noite de lua cheia. Minha amiga havia combinado de ir se encontrar com o ex-marido num restaurante. Eu até tinha um compromisso no mesmo horário, mas acabei decidindo cancelar. Queria ir e ouvir toda a baboseira que ele iria falar para ela, os homens cometem seus erros e depois querem agir como se nada tivesse acontecido. Acompanhei minha amiga até o local combinado. Contudo, ela me pediu para que eu ficasse do lado de fora do restaurante. Falou-me que desejava ouvir com calma o que o marido tinha para lhe falar, mas queria que eu ficasse aguardando porque ela poderia precisar de um ombro amigo.

Eu fiquei sentada numa das mesas que ficavam na área externa, na frente do restaurante, pedi apenas uma bebida. Foi quando umas das minhas filhas me viu ali sentada e se sentou comigo. Expliquei-lhe que estava aguardando uma amiga resolver um problema. Ela pediu um lanche rápido e ficamos conversando. Foi quando uma voz muito gostosa de se ouvir começou a cantar.

— Mãe, quem está cantando hoje aqui?

— Não sei, minha filha.

— Também, a senhora vem para um restaurante que vai ter música e fica é distante do cantor. Eu gosto de ouvir de perto.

— Outro dia você faz isso. Hoje a Tancinha está lá dentro conversando com o ex-marido, e nós vamos ficar aqui fora a pedido dela.

— Posso só olhar se eu conheço o cantor? A voz é dele é tão bonita, me fez lembrar uma época boa.

— Não!

— Ah, mãe! Qual o problema de eu ir olhar e voltar rapidinho? O marido aí da sua amiga nem me conhece.

— Menina, tu me tira do sério! Vai lá, olha rápido e volta, mas não deixa a Tancinha ver você.

Minhas filhas sentem muito a falta do pai. Sempre que elas veem alguém com um violão, ficam nostálgicas. Mesmo assim, sempre querem ver

quem está com o violão. Ele sempre fazia serenata para as filhas, gostava de tocar o violão e cantar várias canções. Eu sei que éramos felizes, eu só não entendo por que meu marido fez o que fez. Sabe, ter a felicidade nas mãos e perder é muita covardia com os outros que estão envolvidos. Minha filha voltou bem calada e pensativa.

— O que aconteceu?

— Nada.

— Me fale.

— Eu lembrei de uma pessoa ao ver aquele senhor. Os olhos dele...

— Minha filha, vocês sempre ficam assim. Todo homem com um violão vocês ficam torcendo para ser o pai de vocês. E vocês eram tão pequenas quando ele foi preso, que acredito que nem reconheceriam ele hoje.

— Não, mãe, eu fui lá perto. Ele olhou na minha direção, mas não me viu. Eu senti algo...

— Sentiu algo?

— Os olhos dele...

— Minha filha...

— Mãe, eu vou para casa.

— Tudo bem, eu vou esperar a Tancinha sair e vou também.

Minha menina saiu. Eu fiquei ali sentada ouvindo aquela boa música; por um momento, me senti nostálgica também. Não sei o motivo, mas aquele cantor e suas músicas, que eu nem conhecia, me fizeram lembrar do tempo em que eu era feliz. Depois, ele começou a falar, e a voz era muito familiar. Parecia a voz do meu João. Imaginei que estava como minha filha: um pouco nostálgica; ou talvez fosse o clima de reconciliação da Tancinha e do marido que tivesse mexido comigo. Foi quando eu me arrepiei tremendamente ao ouvir algumas palavras ditas pelo cantor que me fizeram esquecer do porquê de eu estar ali. A seguinte frase só me fez ter a vontade de fugir dali: “(...) E viver no mundo sem o nosso amor, sem a mulher que faz nosso coração pulsar, é o pior castigo que um homem pode sofrer. A música tem como título, ‘Sinto muito, meu amor!’, eu a fiz para minha Mariazinha...”.

Tancinha

Missão do amor

Eu estava muito aflita com tudo. Meu corpo havia mudado por conta da gravidez, e eu não me sentia a mesma desde que o havia deixado. Não sei se percebeu, leitor, mas disse para Victória que estava gorda. Era o que eu queria que ela contasse para meu marido, pois queria saber o que ele tinha para me dizer antes de eu lhe contar que estava grávida. Não quero que ele queira ficar comigo pelo simples fato de eu estar esperando um filho dele. Sim, eu sei que fui eu que o deixei, mas já me passaram tantos pensamentos ruins depois que falei com Victória. Vai que meu marido, ao ver a ex-mulher, tenha sentido saudades da família anterior? Os filhos já grandes. Talvez ele tenha sentido o baque de não ter visto os filhos crescerem. Agora que me veio à mente como meu marido agiu com a outra. Deixá-la para criar sozinha os filhos. E quanto a eles? O fato de terem crescido sem a presença do pai deve ter sido horrível. Contudo, a minha dor é maior. Eu que sonhei com um casamento feliz, e agora estou vivendo este pesadelo. Queria que estas pessoas sumissem da face da terra, assim eu não pensaria no mal que o Carlinhos fez para elas. Somente no mal que fez para mim. Refletindo bem, apesar do jeito um pouco grosseiro de meu marido com os outros, em relação a mim, ele sempre me tratou como uma rosa recém-colhida do pé. Sempre me tratou como uma princesa. Não tenho como reclamar da forma como ele conduziu o nosso casamento. Sempre muito gentil comigo, e um bom homem com outros. Como apagar o mal que ele fez à outra família? Eu só queria voltar para minha casa e ter minha família de volta. Esquecer de tudo e de todos que pudessem atrapalhar a minha felicidade. Quero o melhor para meu filho. Minha cabeça está um turbilhão.

Quando entrei no restaurante, ele já estava lá dentro, sentado numa mesa. Eu fui até ele. Na minha mente, vinha apenas uma indagação: Será que ele voltou para a outra? Ele se levantou, puxou a cadeira para mim e me sentei. Passamos alguns minutos em silêncio quando ele começou a falar:

— Eu vim até aqui para lhe pedir perdão. Eu sei que o que eu fiz não foi certo nem com você, nem com minha primeira esposa e com os meus filhos.

— Olha, Carlinhos... — Fiquei aflita. Eu já esperava ele dizer que havia voltado para ela.

— Por favor, me deixe falar... Depois você diz o que está em seu coração.

— Tudo bem.

Só sei que, ao fundo, estava um homem cantando músicas românticas. Parecia que o universo queria me amansar. Era o preço que eu pagaria por deixar minha casa e o caminho livre para a outra. Pronto, eles viveriam na minha casa e seriam felizes para sempre.

— Tancinha, eu errei muito. Eu já resolvi minha situação com a primeira esposa. Com você, eu também preciso resolver. — Meu coração quase parou nessa hora. Imaginei que ele diria que estava ali apenas para dar entrada no divórcio. Eu seria uma mãe solteira. Uma lágrima escorreu pelo meu rosto e caiu em cima da mesa. — Tancinha, Tancinha... Você ouviu o que eu falei?

— Não, pode repetir? — Limpei o rosto e olhei novamente para ele. Eu havia me perdido nos meus pensamentos.

— Eu queria... Eu queria, não! Eu quero muito que você me perdoe e volte a viver na nossa casa. Você é tudo para mim. Eu preparei algo para você.

Meu coração saltou de alegria. Ele não havia voltado com a outra. Meu Deus! Que maravilha! Minha família não estava destruída. Ele levantou a mão, olhou lentamente para trás, onde o cantor estava, e acenou. Eu levei as mãos ao meu rosto, tampei a boca e o nariz, dei um suspiro profundo e levei as mãos unidas em forma de oração agradecendo a Deus. Foi quando ele olhou para mim novamente e perguntou se havia algo de errado. Eu me recompus, não deixei transparecer a alegria e disse que estava tudo bem que ele podia continuar. Por dentro, eu estava em festa, mas não queria demonstrar logo, pois eu queria ver o que ele tinha preparado com o cantor. Quando ele terminou a música que estava cantando começou a falar:

— A música que eu vou cantar agora, eu fiz para meu grande amor. Eu a empresto para meu amigo Carlinhos e vou cantar para sua esposa, porque ele, como eu, errou feio e perdeu o amor da sua vida. E nós sabemos que amor de verdade só temos um. Nós homens é que, às vezes, saímos da linha e fazemos uma besteira tremenda, que agride de tal forma a quem amamos, que ela nos deixa. E viver no mundo sem o nosso amor, sem a mulher que faz nosso coração pulsar, é o pior castigo que um homem pode sofrer. A música tem como título: “Sinto muito, meu amor!”. Eu a fiz para minha Mariazinha, mas hoje eu a empresto para meu amigo Carlinhos.

Tancinha, volte para o seu amor! Agora vou deixar minhas palavras e vou cantar.

Sinto muito, meu amor!

Agora eu estou aqui
Sem você para me encantar
Errei e quem mais amei, eu perdi
A vida é dura e sabe castigar

Eu sei que errei, meu bem! Eu sei!
Mas o que fazer quando os sonhos se perdem?
Eu vacilei, meu bem! Eu sei.
Alcançar além do céu... Tentei
Mas como as nuvens não são de algodão
Despenquei nesta solidão

Como era bom, meu bem. Como era bom
Como era bom o teu amor

É duro perder um grande amor
Agora estou aqui
Com o coração na mão
A te pedir perdão.

Como era bom, meu bem, como era bom
Como era bom o teu amor!

Enquanto ele cantava, eu me lembrei de tudo que havia vivido com

meu amor. Se eu perdoei? Claro que perdoei, no primeiro instante que eu soube que ele queria falar comigo, mas eu tinha que saber do que se tratava. Eu apenas olhava para meu amor e ouvia aquele lindo pedido de perdão que estava sendo cantado para mim:

— Você que deveria ter feito uma para mim.

— Mas eu não sei fazer poesia, meu amor. O meu latim eu já disse, que é o meu mais sincero pedido de perdão.

— Eu te perdoo.

— Você me perdoa de verdade?

— Sim, nós te perdoamos.

— Nós, quem?

— Eu e nosso filho que está sendo gerado aqui dentro de mim.

Carlinhos começou a chorar, me abraçar e beijar. Enfim, o meu grande sonho estava prestes a se realizar: minha família.

Quando desviei o rosto do meu amor, vi minha amiga Mariazinha se aproximar do palco. Todos no restaurante estavam atentos ao cantor e à sua história. E agora, a Mariazinha também.

João

Passarinho no ar

Era uma noite mágica de sexta-feira, eu percebi desde o início. Enquanto eu cantava, eu percebi como Tancinha e Senhor Carlinhos estavam a se olhar. Dava para sentir o amor brotando dos olhos dos dois, apesar de toda mágoa que ela carregava no peito. Quando ele acenou para mim, e eu comecei a introduzir a canção que eu tinha feito para Mariazinha, meu coração esfriou, porque eu não ia cantar para meu amor.

Entenda, eu fiz a canção para ela e, no entanto, eu estava prestes a cantar para uma desconhecida. Foi quando eu fechei os olhos, inclinei-me para cima e pedi forças a Deus. Eu queria cantar com todo meu amor, mesmo que não fosse para minha amada. Pedi que minha canção enchesse de amor e de perdão os corações que a ouvissem, comecei a falar e a explicar o porquê da música. E eu cantei. Cantei com toda a minha alma, com todo o meu amor, de olhos fechados e, quando eu abri os olhos, estava materializada, na minha frente, Mariazinha. Pensei: enlouqueci. Passei as mãos nos olhos e olhei novamente para ela. Ela estava especialmente bela; mais bela do que quando nos separamos. Eu adorava aqueles cabelos longos e ondulados, que agora tinham uns fios dourados. Como era bom acariciá-los. Aqueles olhos claros que me conheciam profundamente. Ficamos um tempo olhando nos olhos um do outro. Foi quando percebi que todos do restaurante estavam a olhar para nós. Pensei que deveria ser algo real e não uma materialização da minha imaginação. Começou um burburinho no local. Logo atrás, estavam o Senhor Heitor e sua esposa, eles estavam numa mesa na área externa, à esquerda do restaurante. Como o restaurante estava em peso olhando para nós eu a indaguei:

— Você é real?

Ela continuou a me olhar e, dos seus olhos, começaram a descer lágrimas e mais lágrimas. Foi quando percebi que realmente os céus haviam me ouvido. Mariazinha estava na minha frente e, para a minha alegria, tinha ouvido tudo. Eu milagrosamente havia cantado para meu amor. Desci, fui até ela, peguei suas duas mãos e disse:

— Sinto muito, meu amor!

— Eu também!

E começou a chorar.

— Você me perdoa?

— Sinto muito, porque eu não sei se consigo te perdoar... Apesar de continuar a te amar como sempre amei.

— Vamos apagar o passado e recomeçar de onde paramos?

— Eu não sei se consigo te perdoar.

— Eu sei que cometi o pior dos erros no nosso relacionamento, mas eu só queria uma chance de fazer tudo diferente e poder dedicar todo o meu amor a você.

— Ter uma chance?

— Sim. Uma chance.

— Você já teve uma chance quando eu subi no altar e disse sim para você. Agora você quer uma segunda chance então?

— Que seja! Eu só quero uma oportunidade de poder dedicar todo meu amor a você e às minhas filhas. Preciso do seu perdão. Quero ter vocês em minha vida.

— Pensaste isto antes de me trair com minha amiga? — Ela soltou minhas mãos, deu as costas para mim e parou. — Não vou te perdoar pelo que você fez. Quem trai não merece ter o perdão de quem tanto somente lhe amou. Te amei como nunca amei alguém. Posso até ainda te amar, mas te perdoar eu não vou. Nunca!

Depois destas palavras, ela saiu.

Apesar de suas palavras, eu senti que ela queria me perdoar. Eu conhecia aqueles olhos, mas o orgulho havia tomado conta dela. Ela saiu correndo do restaurante, e eu fui atrás. Foi quando ouvi uma voz a dizer:

— Deixe que eu vou falar com ela.

Era Tancinha.

— Ela é minha amiga. Eu sei toda a história de vocês. Deixe comigo.

E elas se foram.

Eu olhei para os outros que ficaram e disse:

— Eu ainda não acredito. Eu estou sonhando. Isto é um sonho lúcido?

— É real, meu amigo. Victória, olha a peça que a vida nos pregou..., preparamos o encontro de um casal e, na verdade, fizemos de dois — disse o Senhor Heitor.

— João, quando eu a vi com Tancinha, eu nunca imaginei que fosse a sua Maria. Até ouvi a Tancinha chamá-la de Mariazinha, mas como ia imaginar que seria a sua Mariazinha? — disse-me Dona Victória.

— E a gravidez da Tancinha? — disse Carlinhos fixo em Victória.

— Carlinhos, a gravidez da Tancinha eu percebi logo que a vi. — Ela riu um pouco e continuou. — Mas ela disse que estava gorda. Eu preferi que ela mesma dissesse a você.

No restaurante, havia um murmurinho, todos comentando o que tinha acabado de ocorrer. Naquela noite, eu fui para o hotel. Dormir? Claro que não. Mil pensamentos vieram à minha memória, do tempo que eu era feliz e tentava alcançar o céu. Quis fama e dinheiro, me envolvi com quem não devia e, quando fui me defender, cometi o pior dos crimes. É. A vida sempre cobra por nossos erros. Cedo ou tarde. Eu só queria voltar no tempo e fazer tudo diferente, não ter me envolvido com drogas, não ter traído a minha esposa... Vida... Vida, aceita o meu pedido de perdão e me traz meu amor de volta.

Passei a noite em claro com a companhia do meu violão. Algumas músicas embalam minha noite. Tentando decifrar os últimos acontecimentos, até rabisquei uma nova canção que fala de amor, reencontro e uma reconciliação. Era o que eu mais queria que a Mariazinha fizesse, me desse o meu tão sonhado perdão.

João

O nascer de um novo dia

Nem preciso dizer que minha vida estava naquele ponto de mudança de realidade. O que é isto? Bem gosto de dizer: o que vivemos está em constante mudança, e a realidade que vivemos pode mudar a qualquer momento. Assim, se o que você está vivendo no presente momento é algo bom, aproveite. Dê o seu melhor. Ame e viva intensamente. Não é pessimismo, não! A vida é repleta de mudanças, e não temos o controle do que chega para nós, do que se vai e do que permanece. A vida é uma caixinha de surpresas repleta de altos e baixos. É aproveitar os dias bons e esperar passar os dias maus, pois a vida está sempre em movimento.

Amanheceu, e eu ainda estava na varanda do quarto olhando para rua. Estava tentando entender tudo que estava acontecendo. Eu tinha ido para aquela cidade com o intuito de ajudar um amigo a se reconciliar com a esposa. Eu canto, para a esposa dele perdoá-lo, o pedido de perdão que fiz para o amor da minha vida e, por felicidade do destino, Mariazinha estava lá a ouvir. A vida é surpreendente mesmo. Logo ouvi alguém bater à porta. Meu coração gelou em pensar que poderia ser Mariazinha. Abri devagarinho.

— Bom dia, meu amigo. Vim buscá-lo para tomarmos o café e conversarmos sobre o ocorrido.

Era o Senhor Heitor. O homem que me ajudou quando saí da prisão e agora talvez seja quem também vá me ajudar a recuperar o amor da minha amada. Eu sei as palavras que eu ouvi dela na noite anterior. Entretanto, eu penso que o amor pode mover todo o mal que existe. Não me julguem, eu sou, de certa forma, um poeta; e os poetas devem acreditar nesta força sobrenatural que é o amar e ser amado.

Descemos os dois. Era um dia perfeito para mim: estava um céu limpo e claro. O sol estava brilhando como sempre. Os passarinhos a cantar. O vento a soprar. Só faltava mesmo alguém para eu amar. De preferência, minha Mariazinha. Fomos tomar o café no hotel. Sentamos em uma das mesas, e ele me indagou:

— Como você está, meu amigo?

— Estou uma confusão de pensamentos. Pensar que Mariazinha está aqui perto, que minhas filhas estão também. Agora entendo por que, quando

chegamos, eu vi uma moça na rua e a achei muito parecida com minha filha mais nova. Deve ser ela... Nem eu nem ela nos reconhecemos. Num momento de impulso, agi sem pensar. O meu ato destruiu e tirou de mim muitos momentos com minha família. Uma vivência que eu nunca vou poder recuperar. Um homem tem que avaliar muito os seus atos, pois podemos perder tudo que temos por uma atitude impensada. Eu nem sentia nada por aquela mulher... Florência. Acredita que ela se fazia de amiga da minha mulher para ficar perto de mim? Uma maluca. Agora estou eu aqui, depois de preso, pagando por um crime que, de certa forma, eu e ela cometemos. Ela deve ter ficado com a fortuna do marido e deve tá...

— João...

— Sim.

— Deixa essa mulher de lado. O que você tem que se concentrar agora é em fazer as pazes com a sua esposa. Eu peguei a cópia da tua música e mandei pela Victória para ela tentar, de alguma forma, entregar para ela. Seja diretamente ou através da Tancinha.

— Obrigado, meu amigo.

Passamos a manhã juntos caminhando pela cidade. Eu precisava caminhar para tentar barrar um pouco a ansiedade. Foi quando decidimos voltar para o hotel e almoçar. Quando chegamos, Dona Victória já estava a nos aguardar no *hall*.

— João, eu sinto muito — disse-me com um olhar triste.

— Ela não quer me ver, não é?

— Não. Pedi para Tancinha me acompanhar até a casa da Maria, que agora eu sei que é a sua Mariazinha. Fomos até lá. Ela foi muito educada, mas disse que já tinha conversado com Tancinha e que não daria a você uma nova chance, como Tancinha estava dando ao marido.

Eu segurei a lágrima para ela não cair e me envergonhar na frente dos meus amigos.

— E minhas filhas, você as viu?

— Sim. Eu informei que Carlinhos ficaria com Tancinha, mas que nós iríamos embora às dezoito horas, e elas me disseram que virão aqui, à tarde, para falar com você. No primeiro momento, a Maria ficou reclamando com elas, mas as duas argumentaram que você era o pai delas e que elas viriam para ver você.

— E a carta..., ou melhor, a música?

— Eu lhe entreguei em mãos. Ela segurou por um momento. Disse que já havia ouvido você cantar ontem. Amassou e jogou no chão.

— Meu Deus! Como ela está irredutível! Eu pensei que ela ia retroceder e me perdoar.

Eu me sentei numa poltrona, fiquei com os cotovelos em cima das minhas coxas e com as mãos na minha cabeça.

— Meu amigo, eu argumentei com ela. Mas sua esposa ainda tem muita mágoa, apesar de todo o tempo que se passou. Eu lamento muito que ela esteja inflexível. Mas fique feliz, suas filhas virão visitá-lo.

Quando o relógio da cidade badalou as três da tarde, a recepção interfonou e disse que Mariana e Rebeca estavam subindo. Meu coração saltou de alegria, maior seria a minha felicidade se Mariazinha estivesse com elas. Quando eu abri a porta, as duas estavam lá. Elas me abraçaram chorando e me apertando.

— Pai, eu te vi esta semana na rua. Achei tão parecido com meu pai, mas eu pensei que era loucura minha! Que não era você. E ontem eu te vi cantando, mas eu não sabia que era o senhor.

— Oh! Minha pequena, eu também te vi na rua e tive a mesma sensação de que era minha filha.

Ficamos os três abraçados por um bom tempo. Elas me contaram que a mãe estava decidida a não me perdoar. Que ela havia amassado minha música e jogado no chão, mas que depois Rebeca havia visto ela pegar e ir para o quarto. Elas me pediram para dar um tempo para mãe delas colocar as ideias em ordem. Que a gente ia ficar se comunicando, que era para eu ficar indo para Orlando do Sul, quem sabe assim, em algum momento, ela baixasse a guarda e resolvesse me perdoar.

Passamos aqueles momentos juntos. Foi tão bom! Foi quando eu decidi ficar mais uma noite com elas e partir somente na manhã seguinte.

Elas ficaram comigo no quarto. Então, alguém bateu à porta, e meu coração gelou. Imaginei que fosse Mariazinha.

— Oi, meu amigo. Nós já vamos.

Eram o Senhor Heitor e a Dona Victória que estavam vindo me chamar para voltarmos. Expliquei para eles que ficaria mais uma noite e que, no dia seguinte, pegaria um ônibus e retornaria.

Descemos todos e nos despedimos. Senhor Heitor comentou que voltaria por outro caminho, um pouco mais distante, era um desejo de Dona Victória que queria comer uma sobremesa num determinado restaurante. Eu entrei para pegar minha carteira e, quando retornei, eu vi Mariazinha chegando e dizendo para as filhas que estavam olhando o carro partir.

— Eles já foram?

— Já sim, mãe.

— Eu tentei. Vim para falar com ele, e ele já foi embora. Depois não digam que eu não tentei.

Eu fiquei parado logo atrás a observá-las.

— Não, mãe. A gente não vai dizer isso para a senhora, não é, Rebeca?

— Claro, Mariana. Como que a gente vai culpar a mãe de não ter falado com o papai? De não ter chegado a tempo.

— Verdade, só porque ela chegou bem no momento que o carro partiu, não é, Rebeca?

— Eu sou a mãe de vocês. Não é porque estão mocinhas que podem se dar ao luxo de serem irônicas comigo, não. Eu coloco as duas de castigo!

— Mãe, não estamos sendo sarcásticas com a senhora. Não é, Rebeca?

— Claro, Mariana.

— Eu estou falando sério...

— Mãe, não estamos sendo zombadoras. O que a senhora veio fazer aqui?

— Eu vim falar com o pai de vocês. Eu pensei bem e decidi dar uma chance para nós. Pensando em vocês.

— Em nós?

— Sim, vocês cresceram sem o pai. Agora ele aparece, e aparentemente está mudado.

— E o que a senhora falaria mesmo?

— Olha eu ia tentar uma reconciliação com ele por vocês.

— Por nós? Pensei que a senhora ainda era apaixonada por ele.

— Olha só, isto não importa, porque se ele tivesse interesse de ficar conosco, ele não teria ido embora tão rápido assim depois de nos reencontrar. Isto demonstra total desinteresse em nos reconciliarmos. Já estou sabendo que ele está todo famosinho lá na região de Belos Montes e arredores.

Nossas filhas deram um sorriso bem gostoso, o olhos estavam bem abertos e tinham um ar travesso que irritou Mariazinha. Foi quando eu aproveitei a cena ali e disse:

— Mas eu estou aqui.

Eu percebi que ela gelou. Ela se virou para mim e disse:

— Vão as duas para casa agora.

— E perder esta conversa? O que acha, Rebeca?

— Nunquinha, Mariana.

— Vão, agora.

Eu olhei para elas e disse:

— Obedeçam a mãe de vocês.

Elas foram, mas antes de saírem, me deram um longo beijo. Mariazinha olhou para mim e disse, tirando um papel do bolso.

— Quando você escreveu esta música?

— Foi a primeira música que eu escrevi quando saí da prisão.

— É verdade?

— O quê?

— O que está escrito aqui. Que você se arrependeu de verdade e que quer voltar comigo.

— É tudo que eu mais quero, Mariazinha. Tentar reconstruir a nossa família, o nosso amor... Simplesmente a nossa vida. Tentar apagar o que meu erro causou nas nossas vidas.

— Eu estou pensando umas coisas aqui....

— O quê?

— Em tentar voltar e ver se eu consigo te perdoar.

— Eu seria o homem mais feliz do mundo.

— Tá...

— Tá o quê?

— Eu vou tentar esquecer o que aconteceu e tentar viver novamente com você como uma família.

Eu me aproximei dela e a abracei. Abracei como nunca. Um beijo eu também lhe dei. Se você quer saber, leitor, foi o momento mais feliz da minha vida. Agora sim, eu sou um homem completo.

Heitor

Na volta para casa, Victória me explicou que o restaurante pertencia a uma franquía que ela havia frequentado na época da residência médica dentro do hospital. Na verdade, lá havia apenas um café, bem diferente do que Tancinha havia lhe falado sobre esse restaurante. Disse que havia uma sobremesa de bolo de chocolate com sorvete que era deliciosa. Ao chegarmos, eu não me atentei para o nome do restaurante que era chamado de Emanuelle Figueiredo. Não me dei conta do que estava prestes a acontecer ali. Confesso que estava com vontade de ter uma passagem rápida, pois queria logo chegar a Belos Montes, e essa mudança de percurso para passarmos por este restaurante ia nos atrasar algumas horas.

O lugar era muito bonito, tinha um acabamento peculiar com móveis coloniais. Logo na entrada, havia um antigo quadro, enorme, com uma família. Victória ficou encantada com ele e disse que no café que conhecia não havia aquele quadro tão pomposo. Perguntamos de quem se tratava, e disseram que era Emanuelle Figueiredo com os filhos e alguns netos. O *maître* disse que era um quadro antigo, os tataranetos eram quem estavam na administração de todos os bens herdados de Emanuelle Figueiredo. Ela havia sido uma grande empresária, conhecida por ter um pulso muito forte e um bom tino para os negócios.

Sentamo-nos à mesa. Victória ficou olhando a delicadeza do menu, como eles pensavam em tudo daquela forma. Em cada detalhe. Disse que, na época da residência, eles não usavam aquele modelo. Victória fez uma expressão de assustada e apontou para o menu. Lá tinha o nome: “Restaurante Alcântara Victória”. Perguntou para o garçom o porquê de o nome ser aquele.

— Senhora, Alcântara Victória foi uma das netas de Emanuelle Figueiredo. Ela colocou em uma de suas filiais o nome dela.

— Neta?

— Sim. A neta perdida. Era uma das formas de tentar encontrá-la.

— Neta perdida?

Victória olhou com os olhos assustados para mim. Queria que minha amada pedisse a sobremesa e fôssemos embora, mas quando ele falou neta perdida, eu também fiquei com uma pulga atrás da orelha e me perguntei: “Será?”.

— A filha da dona disso tudo teve uma filha que foi colocada em um orfanato. Com o tempo, ela foi tomada de profundo arrependimento por ter colocado a filha lá, mas já era tarde e não havia mais como encontrá-la. Foi assim que nasceu o Restaurante Alcântara Victória. É a única filial que não tem o nome da matriarca, mas um dos maiores. Ela achou que assim atrairia a atenção da primeira neta. Por que o interesse?

— Eu me chamo Victória também.

— Pois é... muitos apareceram se intitulando com esse nome para tentar conseguir a herança. Mas, nos documentos, o nome era outro.

— Por que ela foi deixada no orfanato?

— Senhora, a história toda está ali perto do quadro. Lá tem um livro da família.

— Me diga o nome do orfanato.

— Cantinho do céu.

Victória começou a tremer.

— Meu amor, está se sentindo bem?

O garçom ficou ali sem entender.

— Eu sou bisneta de Alcântara Victória.

— A senhora tem certeza?

— Sim. Minha avó foi criada no orfanato Cantinho do Céu.

Victória pegou a carteira de motorista e mostrou. Ele pegou, riu e conferiu o nome. Disse, assustado, que a mãe dela também era Victória. Victória riu sem graça e disse que tinha uma tia também chamada de Alcântara, eram irmãs gêmeas, e o avô Adão havia dado os nomes em homenagem à mãe Alcântara Victória. Ele olhou com espanto e, ao mesmo tempo, parecia que queria correr de onde estávamos. Solto um *“Encontrei, preciso ligar e contar para o Senhor Marcos”*. Victória se levantou, e eu a acompanhei; foi em direção ao quadro. Havia um aparador de madeira e, em cima dele, um livro aberto; de um lado e do outro, um lindo arranjo de tulipas. Eu havia notado aquele livro aberto assim que entramos no restaurante, mas pensei que fosse a Bíblia. Victória pegou o livro e começou a folhear.

— Meu amor, você tem certeza que quer ler o que está escrito aí?

— Tenho. Eu preciso entender o porquê que minha bisavó foi abandonada num orfanato.

Ela olhou para mim.

— Heitor, você percebeu que a família não era pobre? Por que ela foi deixada num orfanato? Eu preciso descobrir.

Eu pedi para ela se sentar numa mesa próxima. Victória ficou folheando o livro até que encontrou uma carta de Melissa Figueiredo, mãe de Alcântara Victória. Até então não sabíamos o nome da mãe dela. Ela começou a ler a carta, e à medida que lia, lágrimas rolavam.

Eu fiquei ao seu lado com a mão direita em cima do seu ombro esquerdo. Algumas pessoas que adentravam o restaurante ficavam olhando e comentando que Victória estava emocionada, mas percebi que o garçom se aproximava e dizia a todos que parecia ser a bisneta da neta perdida de Emanuelle Figueiredo.

“Querida filha Alcântara Victória.

Se eu pudesse voltar ao passado, eu voltaria. Se eu pudesse mudar tudo e recomeçar, o faria, mas não posso. Não posso apagar o fato que ocasionou o seu nascimento. Eu não queria aquilo. Não posso mudar a dor de descobrir que havia um fruto que era uma filha. Sei, meu amor, que você foi tão vítima quanto eu. Eu não percebi, por causa da minha juventude, da inexperiência, do medo e pensei em abortar. Minha família sofreu muito também, mas não aceitou. Ainda bem! Minha mãe a deixou no orfanato Cantinho do Céu.

Eu sei que eu deveria ter cuidado de você. Ter dado amor. Hoje, após trinta anos do ocorrido, eu não sei onde você foi parar. Onde minha pequena está? Me corrói a alma. Queria tanto ter-te dado amor como dei para seus irmãos. Você, fruto do meu ventre, e eu a abandonei. Me perdoe.

Volte para casa! Eu sei que não tenho como reconstruir as tuas memórias do abandono, mas queria tanto te dar amor. Preciso desfazer, de alguma forma, todo o sofrimento que causei a você.

Entendo que, por mais que eu peça, não há perdão para o abandono e a solidão que proporcionei a você. Mas meu arrependimento é real. Eu queria poder te abraçar e dizer que eu me curei daquela dor e que hoje eu posso te amar com todo amor de mãe que você merece ter.

De sua mãe, Melissa Figueiredo”

Quando terminou de ler, eu olhei para ela e disse:

— Meu amor, eu preciso que você seja forte neste momento.

— Meu Deus! É isso que está nas entrelinhas que minha bisã foi abandonada por que a mãe...?

Ela não conseguiu continuar e deitou os dois braços na mesa e a cabeça por cima.

— Victória, eu preciso confessar algo para você.

Ela se ergueu, se endireitou sentada e passou a olhar-me seriamente.

— O quê?

— Quando eu era criança, meu avô Joca, contou a história de sua bisã. O porquê de ela ter sido colocada num orfanato.

— Como? Você sabia e não me contou? Como pôde não me contar algo tão grave?

Ela se levantou e olhou com desprezo para mim.

— Meu amor!

— Não me chame de meu amor, Heitor. Você traiu a minha confiança.

Eu caí em pratos também. Victória estava sofrendo muito com a descoberta, e aquele olhar de desprezo me corroía a alma.

— Deixa primeiro eu contar o porquê?

— Não tem desculpas!

— Quando meu avô contou, ele disse que Alcântara Victória não queria que os descendentes soubessem do ocorrido com a mãe. Eu não lhe traí, apenas eu quis fazer prevalecer o desejo de sua bisã.

— Ela não queria? — E se pôs a chorar.

Eu me aproximei e a abracei. Num primeiro momento, ela me empurrou, mas depois deixou que eu a abraçasse. Com o tempo, ela foi se acalmando.

— Tudo que eu sei, é que ela foi uma mulher forte que desejava que todos seguissem suas vidas sem esse peso, porque ela superou aquilo e

decidiu que faria o bem e fez, meu amor.

— Boa noite! — disse uma voz desconhecida. Nos viramos e vimos um homem de aproximadamente quarenta anos.

— Sim.

— Eu me chamo Marcos, sou bisneto de Melissa Figueiredo.

Victória se aproximou do homem e disse:

— Eu sou bisneta de Alcântara Victória e, agora descobri, que tataraneta de Melissa Figueiredo.

— Por que não nos procurou antes?

— Eu não estava procurando vocês, nem sabia da existência da família de minha bisa. O que sei é que ela foi criada num orfanato e que não sabia quem eram os pais.

— É um grande prazer conhecer você. A busca por Alcântara Victória e seus descendentes foi grande, já havíamos perdido as esperanças. Sabíamos que ela não queria ser encontrada.

— Não queria ser encontrada?

— Acho que a irmã de Alcântara Victória vai te explicar melhor. Você quer conhecer uma irmã de sua bisa?

— O garçom me disse que muitos tentaram se passar por descendentes dela. Como você pode ter tanta certeza que eu sou quem digo?

— Só em olhar para você. O formato do seu rosto não nega, seus olhos, os cabelos... parece que estou vendo minha mãe. — Ele riu. — Sabemos também que ela teve um filho chamado Adão, isso ficou somente entre a família. Mas se quiser, podemos fazer o teste de DNA. Nem sei como seria esse procedimento hoje depois de tanto tempo.

Victória começou a chorar novamente.

— Eu sou bisneta de Alcântara Victória, mas eu não sabia de nada disso.

— Você pode nos acompanhar até a casa da minha avó? Ela é a filha mais nova de Melissa, a única dessa época que ainda está viva. Tenho certeza que será um enorme prazer, para ela, conhecer uma bisneta da irmã.

Decidimos acompanhá-lo; o seguimos em nosso carro. Quando chegamos, ele avisou que ela já tinha seus noventa e três anos, mas era uma

senhora muito forte. Mesmo assim, havia pedido para os familiares a prepararem para a visita. Quando entramos na casa, ela estava sentada numa cadeira de balanço, com um gatinho no colo, fazendo carinho nele num balançar suave.

— Nina, pega o gato.

Uma menina se aproximou e pegou o gato.

— Minha linda, se aproxime de mim — disse ela, olhando para Victória, que se aproximou. — Como é seu nome? — perguntou, esticando os braços e tocando no rosto de Victória.

— Victória.

— E esse homão bonito?

— Meu esposo Heitor.

— Victória! O mesmo nome dela, minha irmãzinha. Eu me chamo Joana, sou a irmã mais nova da sua bisa. Eu não a conheci, mas como é bom olhar para você. Eu posso te dar um abraço?

— Claro. — Abraçaram-se. Foi um momento de muita emoção. As duas começaram a chorar.

— Como disse, não tivemos a oportunidade de conhecer sua bisavó. Ela não quis.

— Como não quis? Ela foi abandonada.

— Eu sei, minha linda. Mas digo depois que minha mãe começou a procurá-la. Quando minha mãe se arrependeu, já era tarde. Ninguém sabia do paradeiro dela. Lembro como se fosse hoje, minha mãe sempre chorava pelos cantos da casa. Meu pai dizia que ainda ia encontrar essa filha perdida. Foram muitos anos de busca. Colocaram, em uma das filiais, o nome dela; detetives trabalharam na busca; e depois, quando fizeram o livro da nossa família, decidiram colocar em todas as filiais um exemplar. Minha mãe escreveu a carta e mandou colocarem no livro também. Foi uma das formas que ela criou para encontrá-la, mas, como disse, ela não quis se aproximar.

— Eu não entendo por que diz isso. Pelo que li na carta, ela foi abandonada.

— Nina, vai no meu quarto e pega dentro da gavetinha da cabeceira um exemplar do livro da família.

A menina foi correndo e logo voltou. A senhora pegou o livro,

folheou até a carta de Melissa Figueiredo, e pediu para Victória ler o final. Logo depois da assinatura de Melissa, havia um pequeno recado escrito a caneta:

“Agradeço por estar me procurando, mas infelizmente agora é tarde. Eu perdoo você, minha mãe, mas vivi sozinha até hoje e vou continuar seguindo assim. Não me procure mais! Você já me encontrou, mas eu não quero voltar para um lar que nunca foi meu. Já estou casada, e você tem um neto lindo chamado Adão. Eu sigo meu caminho sozinha, como eu sempre fui. Acalme seu coração e não sofra mais por mim. De sua filha, Alcantara Victória.”

Victória pegou na minha mão.

— Eu te perdoo por não ter me contado. Vejo que ela realmente não queria que soubéssemos — disse ela, depois se dirigiu a Dona Joana. — Meu avô já tem quase cem anos, e a saúde não está muito boa. Eu não quero que ele saiba o motivo do abandono da mãe. Vamos fazer prevalecer a vontade de minha bisa.

Todos consentimos.

A senhora Joana explicou que aquele bilhete havia ficado guardado em segredo pela família, somente eles sabiam da existência de Adão. Quando o garçom comentou que Victória havia falado que o avô se chamava Adão, eles perceberam que ali sim estava uma descendente de Alcântara Victória. Entregou para Victória a carta original escrita por Melissa para a filha: estava dentro do exemplar do livro, algumas folhas após a página que ela havia lido. Disse que a carta havia sido escrita para Alcântara Victória e que, Victória, como uma descendente, deveria ficar com ela.

Com tantas descobertas, acabamos dormindo na casa da recém-descoberta família de minha Victória. Eles conversaram sobre tudo, contaram e se atualizaram sobre os acontecimentos da família. Depois é que fomos entender toda a situação.

Quando Alcântara Victória nasceu, Melissa Figueiredo tinha apenas quinze anos e se casou com trinta anos. Ela sempre viveu amargurada por ter abandonado a filha, por isso a avó não deixava a neta ser adotada: acreditava que um dia a filha poderia querê-la de volta. Depois de muitos anos de tratamento, Melissa conseguiu se livrar da dor causada pelo crime sofrido e

resolveu procurar a filha, mas já era tarde. Alcântara Victória havia se afastado de todos para tentar apagar o seu passado.

Com o tempo, toda a tristeza da descoberta deu lugar para uma linda aproximação. As duas famílias, que na verdade era apenas uma, puderam desfrutar do convívio e da união. O amor é um elo que pode apagar toda dor. Mesmo que demore; um dia, o amor prevalece.

João

Festa na Fazenda

A fazenda do Senhor Heitor estava toda ornamentada para a renovação dos nossos votos. Eu e Mariazinha, Tancinha e Senhor Carlinhos resolvemos renovar os votos do casamento. Foi tudo muito lindo. Fizemos um altar debaixo de uma árvore. As cadeiras estavam logo à frente. Elas decidiram colocar rosas brancas ornamentando todo o local, pois, para elas, era símbolo de uma relação amorosa sólida, pura e eterna. Somente no chão havia pétalas de rosas vermelhas que, para elas, era o símbolo do amor profundo que nada mais iria separar. Isto era o que todos queríamos nessa grande mudança de realidade. É tão maravilhoso quando a vida dá voltas e muda para algo melhor.

Primeiro entraram nossos padrinhos: Senhor Heitor e Dona Victória. Depois entraram nossas filhas carregando os cachorros de Tancinha. Logo após, entramos eu e o Senhor Carlinhos, um após o outro. Mas o ponto principal foi a entrada das noivas. Tancinha entrou e, logo após, Mariazinha. Minha Mariazinha estava peculiarmente mais bonita do que sempre, acredito que a felicidade consegue moldar a beleza em sua forma mais genuína.

Foi maravilhoso estarmos ali e renovarmos nossos votos. Depois, tivemos uma grande festa com os nossos amigos. Alegria, comida e muita música regaram nossa festa. Após todos irem embora, ficamos sentados na varanda da casa. Sabe estilo fim de festa? Mulheres sem sapatos, com as pernas em cima de banquinhos, nós sentados tomando os *finalmente* das bebidas.

— Quem diria que hoje estaríamos aqui? — disse Mariazinha.

— Sim. Você tem que me agradecer muito, viu, Mariazinha.

— Por que mesmo, Tancinha?

— Bem, se eu não tivesse brigado com o Carlinhos e não tivesse ido para Orlando do Sul, quem sabe quando vocês se reencontrariam?

— Verdade, amiga.

— Verdade, nada. E se Heitor e eu não tivéssemos convencido o Carlinhos a vir e pedir perdão a você? Porque seu marido estava muito arrependido e sem coragem de vir sozinho. Aí sim, eles não se reencontrariam

— disse Victória.

— No entanto, minha cara. Se eu não tivesse brigado com o João, ele não teria nos acompanhado. Assim, a culpa é minha — disse Senhor Carlinhos.

Eu ri muito da confusão deles tentando decidir de quem era a dádiva de ter feito com que eu e meu amor nos reconciliássemos. Estávamos todos lá, os três casais sentados na varanda. Conversando e contando confidências. Eu continuei fazendo meus shows nas cidades vizinhas. Ficava uma parte da semana em Orlando do Sul, e a outra, viajando e levando minha música. Tancinha e Senhor Carlinhos retornaram para casa e foram cuidar do sonho dos dois: o filho amado que haveria de chegar. Senhor Heitor e Dona Victória continuaram a vida que sempre levaram, duas pessoas maravilhosas que só pensam em viver e ajudar o próximo. Verdadeiros anjos que Deus colocou na terra. Eu e Mariazinha vivemos felizes para sempre. Parece meio clichê, talvez até seja, o querer viver feliz para sempre. No entanto, a vida é uma eterna surpresa da qual não temos o controle de suas rédeas. O que posso dizer, sim, que fomos e somos felizes. Afinal, apesar de tudo que possa acontecer e venha tirar nossa paz, há um elo que nos une e nos faz fortes: o amor. E é isto que eu desejo a você, querido leitor, um amor tão forte e duradouro que, mesmo em face das tempestades da vida, possa recomeçar e se reinventar; e que você nunca deixar de amar.

